



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

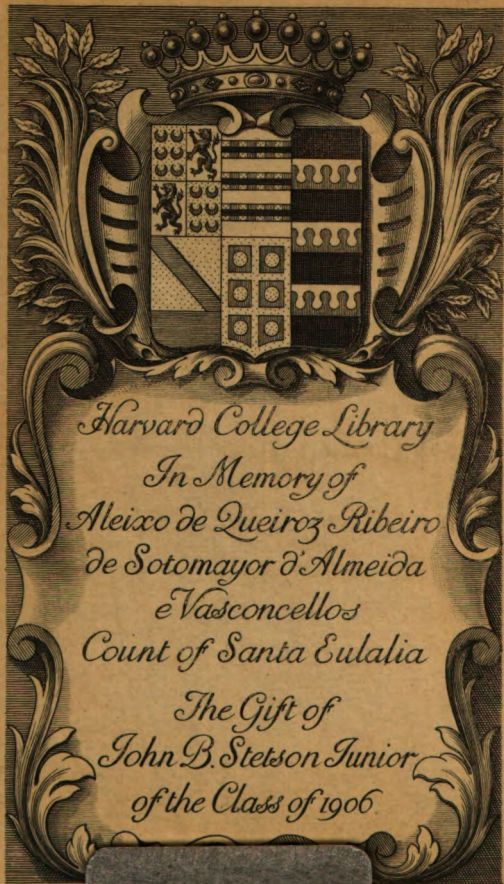
- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Port 5912.1



OBRAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

VI .

(FLORES SEM FRUCTO)

FLORES

SEM FRUCTO

PELO V. DE ALMEIDA-GARRETT

TERCEIRA EDIÇÃO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1874

Port 5912.1

✓
HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF
JOHN B. STETSON, JR

MAR 3 1925

ADVERTENCIA

Das poesias lyricas do auctor de Camões e de Dona Branca, o público pouco mais possui do que a collecção impressa anonymamente em Londres em 1829 com o titulo de *Lyrica de João Minimo*. Ou não a conhecia, ou não lhe conhecia o auctor, a *Revista Extrangeira* de Londres quando, em 1832, lamentava não

ter visto os insaios poeticos do nosso insigne escriptor, a quem principalmente avaliou como a critico e historiador litterario.

Achando-se extincta, ha muito, aquella edição, tractámos de a reproduzir conforme o promettido no programma d'estas obras; e tendo recorrido ao auctor, que a reviu e augmentou, e coordenou mais regularmente pela ordem dos tempos, houvemos d'elle junctamente a presente collecção, que é o complemento e continuação d'aquelloutra; poisque a *Lyrica de João Minimo* é a escolha das composições lyricas do Sr. Garrett desde seus mais tenros annos, começa em 1815, termina em 1823, isto é, dos dôze aos vinte, vinte e um annos do nosso auctor; e o presente livrinho comprehende tudo o que elle julgou dever deixar publicar do que tem es-

• *The Foreign Quarterly Review*, october 1832, pag. 467.—Ahi é censurado o collector Fonseca por não ter inserto no PARNASO LUSITANO algumas das primeiras composições do Sr. Garrett, cujo *Resummo da historia litteraria de Portugal* vem á frente d'aquella collecção, Paris 1826.

cripto no mesmo genero d'aquelle anno em diante.

Feita esta preciosa acquisição, pareceu-nos que os desejos do público seriam melhor satisfeitos começando por ella a imprimir desde logo, e deixando a collecção antiga, ja mais conhecida, para o depois.

Resta-nos dizer que, pela nova e melhor ordem que agora levam as collecções, duas ou tres peças que andavam, por incorrecção de datas, na *Lyrical de João Minimo*, tiveram de passar para a presente collecção, assim como n'aquelloutra se foram collocar muitas que lá faltavam.

Lisboa, 10 de Junho
1844.

FLORES SEM FRUCTO

FLORES SEM FRUCTO

Em quanto fui poeta affrontei-me que m'o chamassem ; hoje tenho pena e saudade de o não podêr ja ser. Era uma viciosa vergonha a que eu tinha, porque não ha melhores nem mais nobres almas que as dos poetas : agora o conheço bem, desde que o não sou, e que sinto as picadas das más paixões e dos acres sentimentos da baixeza humana avisarem-me que está commigo a edade da

prosa;—como ao que teve folgazan e solta mocidade o avisam os primeiros latejos da gota de que lhe está a velhice a entrar em casa.

Dieta, regularidade e moderação prolongam a juventude do corpo; mas quando a alma chegou a inrugar-se, não ha hygiene que a desfranza. A minha está velha; e a todos os achaques da velhice, junta essa fatal e matadora saudade do passado. Quanto dera eu por ver e sentir como via e sentia quando pensava pouco e sentia muito! Quem me dera ser o louco, o doido, o poeta que eu tinha vergonha de ser! E de que me serve a reflexão, a experiencia, a razão como lhe chamam, senão é para ver de outro modo as illusões da vida, para as ver do lado feio, torpe, baixo e vulgar, quando eu as via d'antes esmaltadas de todas as côres do Iris, bellas de toda a poesia que estava na minha alma, grandes de todas as virtudes que eram no meu coração!

Ora pois! não sou ja poeta: podem-me fazer 'almotacé do meu bairro' quando quiserem. Forte semsaborão ganhou a patria!

E custou : que levaram muito tempo e muito trabalho para me despoetizarem ; foram precisos annos de rudes luctas, centos de desenganos, milhares de desapontamentos para me fazerem conhecer o mundo como elle é, os homens como elles são. Cheguei emfim a isso, e deixei portanto de ser poeta. O meu horto de flores tam queridas e mimosas, que não davam fructo, mas alimentavam a vida com seus aromas de benefica e nutriente ex-halação, que eram como aquelloutras flores de que disse Camões :

Contam certos auctores
Que, juncto da clara fonte
Do Nilo, os moradores
Vivem do cheiro das flores
Que nascem n'aquelle monte :

o meu horto vou plantá-lo de luzerna e betarrabas. E arranquemos éstas *flores sem fructo*, não as veja algum utilitario que me condemne, de relapso, a ir, de carocha e sambenito poetico, arder n'algun auto-da-fe que por ahi celebrem em honra de Adam-Smith ou de João-Baptista Say, ou dos outros gran-

des homens cuja sciencia é como a do Horatio de Shakspeare que não vê 'mais coisa nenhuma entre o ceu e a terra do que as que sonha a sua philosophia.'

Não as colhi pois, arranquei-as, éstas pobres flores que aqui enfeixo n'uma triste e última capella para deixar pendurada na minha cruz; e ahi murche e seque ao suor ardente do deserto em que fica, até que me venham interrarr aopé d'ella, aqui onde eu quero jazer juncto das últimas recordações poeticas da minha vida, dos ultimos sonhos que sonhei acordado, e que valem mais do que todas as realidades que depois tenho visto.

E não cuides, amigo leitor, que eu quero dizer n'isto que não fiz senão versos ategora, que não farei senão prosas d'aqui em diante. Por meus peccados, fiz mais prosas que versos, e ajudei a gastar com ellas a mocidade da minha alma e a frescura do meu coração; baixei de sobejo ao mundo das realidades, quando tinha azas para me remontar ao ideal, e pairar-me pelas regiões onde viçam as eternas flores do genio. Fiz, quando não devia,

fiz prosa em annos de versos. Quem sabe se a stulta vaidade que m'o fez fazer então, me não levará tambem para o diante a fazer versos em annos de prosa?

Não é minha tenção, mas não o juro; que isto de ser poeta é como ser imbarcadiço; um dia aperta a vontade, comem os desejos por tal modo, que se vai um homem por esses mares fóra, e só no meio do temporal se lembra de que ja não é para semelhantes folias.

Isto porém que nasce espontaneo d'alma, que vem, como ejaculação involuntaria de dentro, quando trasborda o coração de jubilo ou de pena ou de admiração; isto que é o fallar do homem para Deus n'aquellas phrases incoherentes, inanalysaveis pelas grammaticas humanas, porque são reminiscencias da lingua dos anjos que elle soube antes de nascer; isto que se intoa e se canta no coração, antes e muito mais bello do que o repitta a lingua, d'esses versos não tornarei eu a fazer, porque não posso, porque era mister que Deus fizesse o milagre de me remover a alma: e não o fará.

São pois éstas quasi absolutamente as ultimas coisas lyricas que, por vontade e autorização minha, se publicarão d'entre tantissimas que fiz e que, pela maior parte, tenho destruido. Não faltará quem diga talvez que melhor fôra que o fizesse a todas. Mas não é essa a opinião nem a vontade das maiorias que consultei. E ja se ve que, segundo a moda dos tempos, eu consultei as minhas maiorias, e não fiz caso das outras: ás quaes todavia — e não á moda do tempo — deixo o direito salvo para ralhar livremente e como quizerem.

Ja se ve bem assim o porque ponho este titulo de FLORES SEM FRUCTO á pequena collecção de poesias que aqui vai. Nem todas são de primavera éstas flores; ha de várias estações; fructo é que nenhuma deu. Deixariam de ser flores poeticas se o dessem.

O nosso Miguel Leitão chamou á sua miscelanea, *Ensalada de várias hervas* — e esse principe allemão que é tanto moda, e que escreve com tam desgarrada elegancia, pôs

a uma das suas collecções de rhapsodias criticas o titulo italiano de *Tutti-frutti*, que significa o mesmo quasi. E não cuidem que este principe que cito, com ser principe prusiano tambem, é o aventureiro que aqui andou ha dous annos a rabiscar semsaborias a respeito da nossa terra, mettendo para o sacco toda quanta calúmnia e mentira lhe deram os estrangeiros e estrangeirados que nos devoram e detestam, para as espalhar depois pela Europa, afim de que o mundo diga: 'Muito favor lhe fazem os oppressores d'aquelle bruto e estúpido Portugal em o governarem a pontapés e lhe tirarem o último cruzado-novo de que elle não sabe usar!'

Bemditta seja a nobre e generosa princeza que tractou o bandoleiro como elle merecia, e que não tolerou deante de si o calumniador da sua familia e da nação que a adoptára! Assim fizessem os outros!

Não senhor; *Semi-lasso*, auctor de *Tutti-frutti* é outra casta de principe: talvez o tractassem mal aqui se elle cá viesse. E não me peja de seguir o seu exemplo de longe,

escolhendo o titulo que escolhi para ésta miscelanea de reminiscencias poeticas.

Mas nem sómente são de várias estações, são tambem de varias e mui desvairadas especies éstas flores. Aopé do acantho da lyra antiga, vai o trevo e o goivo que inramavam o alahude romantico; o nardo, a mangerona e a mesma rosa da Palestina ousaram crescer entre o loto e os myrtos da Attica: e não em jardim symetrico, riscado a regua e compasso como os do seculo passado, mas de paizagem livre em que se aproveitaram os descuidos e accidentes da natureza e do terreno.

Algumas poucas peças politicas leva ésta collecção; e d'ellas ha que nem eu ja intendo bem; tanto mudaram, em tam poucos annos, circumstancias e pessoas que as inspiraram. Mas não as podia tirar de um livro em que vai consignada a maior ou a melhor parte das minhas sensações poeticas em toda uma epocha, e essa a mais aventureosa, a mais cheia e mais importante da minha vida.

Novembro 3-1843.

LIVRO PRIMEIRO

I

HYMNO Á POESIA

Præsidium et dulce decus meum.

HORAT.

Oh meu amparo, oh doce glória minha,
 Tu com quem me achei sempre,
Na desgraça, na mágoa e nos pezares
 Para me consolar;

Que me dás voz, suspiros, desaffôgo
Quando a ventura é tanta
Que pésa n'alma—e o coração é cheio
A estallar se não falla!
Como te invocarei, que sancto nome,
Filha do ceo divina,
Te heide eu dar, ó Poesia, incanto, affago
Da minha juventude?
Nunca te chamo, que benigna, amavel
Não desças do ceo puro
A mãos cheias trazendo as magas flores
Que te viçam eternas
N'esses jardins de glória e formosura.
Vens—mas tam vária sempre!
E ora te vejo, no extasi sublime,
Nympha ligeira e bella,
Como as despidas graças, nua, ingenua,
De azues, rasgados olhos
Que ou ja scintillam, vivos do desejo
As ardentes faíscas,
Ou serenos co'a posse, em gôso languido
Meigos, tranquillos brilham...
Ora, cahidas pelos hombros niveos
As longas, longas transas

Te vão fluctuando sôltas... Nas choreas
Que em dança alegre travas
Com os alados hymnos que te cercam,
E ao som da arguta lyra,
Fórmãs, sem arte, desvairados passos,
Ou já rasteiros, lentos,
Ou tam altos que zephyro te espalha
As raras, leves roupas.
Ja, accordando em modo altivo e nobre
A cythara canora,
Dos deuses, dos heroes ergues louvores
Aos sublimados astros;
Ja maviosa, em canto mais singello,
Os dons da natureza,
Os tranquillos prazeres da virtude,
Os mimos da innocencia
E os serenos gosos da amizade
Suavemente intoas.
Ja, no extasi d'amor, no rapto ardido
De amante entusiasmo,
Sopras a chamma que a belleza atea,
E avivas as delicias
Que o deus dos corações infundiu n'alma
De um par que elle junctára...

Como tímida então pedes, supplicas
E com languido accento
Tenue favor imploras suspirando!
Mas logo ousada... roubas
D'entre o virgineo, recatado seio
Acre beijo que ha pouco
Mal inda ousavas supplicar modesta
Para o colhêr dos labios!
Toda es júbilo então.—Mas quantas vezes
Os olhos inturvados,
Pallida a frente, desgrenhada, em pranto,
Anciando de amargura,
Ais de angústia e de morte soluçando,
Gemes co'a lyra e choras!
Negras suspeitas, aridos ciumes,
Desleaes inconstancias
Te andam d'entôrno esvoaçando em huiv .
E não es menos bella,
Menos gentil então! Das faces pallidas
As lagrymas, a fio,
A fio deslizando, cahem, batem
A espaços compassados
Na cava lyra—e uns ais sumidos, mortos,
De harmonia divina,

Véem traspassar o coração de mágoa...

Mágoa!... prazer dos ceos.

1823.

II

A JULIA

Seele rann in Seele.

SCHILLER.

I

Oh, que suave foi este momento
Que dormir tam feliz, tam descuidado!

Andou-me o pensamento
Voando nas delicias do passado,
Requintando o mais puro
Dos gosos que me déste,
Para formar esp'ranças de um futuro
Mais divino e celeste.

II

E tu, Julia querida, não dormiste?
Insensível cahiste
N'essa tristeza de doçuras cheia
Que as almas como a tua
Tam brandamente inleia
Em acordados sonhos de ventura.

III

Ambos fomos ditosos.
É so dado aos amantes venturosos
Dormir somnos tam doces :
Véem depois os prazeres despertá-los ;
Co'a alegre travessura
Amor vem acordá-los.
Elle te chama, suspirada amante,
Pela voz da ternura,
Deixa a melancholia :
São tranquilllos demais seus tenues gosos.
No seio da alegria,
Nos braços da ventura,

Vem commigo folgar por estes bosques,
Por entre ésta espessura.

IV

Dêmos de mão a serios pensamentos.
Em quanto o sol dardeja
Para longe de nós raios de fogo,
Aqui, onde veceja,
Às escondidas d'elle, a primavera
Com tam frescos verdores,
Gozemos nossos placidos amores.

V

As dryades sensiveis,
Que dentro d'esses troncos nos escutam,
Oçam nossas conversas appraziveis,
As expressões amantes
De dois peitos constantes
Em suas verdes cortiças escrevendo.
Como ellas vão crescendo,
Cresçam nossos amores :
E quando, pelas copas remoçadas,

Brotarem novas flores
Nas árvores lembradas
De tam doces momentos,
Serão mais lindas as suas lindas côres,
Serão mais ingraçadas.

VI

Talvez que a mão d'algum amante as colha
Para adornar o seio
Do seu querido inleio;
E esse amante dirá:—'Julia a formosa,
Julia, tam adorada,
Aqui foi venturosa :
Seja feliz como ella a minha amada!'

VII

Assim dirá;—e as dryades lembradas
Rirão do voto uffano :
Que ellas bem sabem como o deus tyranno
Jurando promettêra
Que tanto, tanto amor como ao meu dera
Não o poria mais em peito humano.

III

O MAR

He seized his harp which he at times could string...

While flew the vessel on her snowy wing.

CHILD HAROLD.

I

Doce esperança, numen bemfazejo,
Vem inchugar-me as lagrimas saudosas
Que em fio d'estes olhos me deslisam :
Co'a ponta do alvo manto ameiga a face

Que o acre ardor do pranto me ha crestado,
Vem consolar-me, vem; alenta o peito
C'um fagueiro sorrir d'esses teus labios,
Manda-me um raio teu de luz serena
Que o resfriado coração me aqueça.
Oh! dos amigos, do meu bem não quero
Que me apagues suavissima lembrança:
Dize-me so que tornarei a ve-los,
Que dos p'rigos que em tórno me circumdam
Heide inda a salvo descansar com elles,
E ja sem medo recontar fadigas
De procellas, de calmas accintosas,
Duras rajadas, furacões tremendos,
E quantos hora me rodeam males
Que, olhos fitos em ti, vou supportando.

II

Vem, ó deusa, da vista innevoada
Sopra-me a cerração d'atra saudade:
Deixa-me olhar pela extensão dos mares
E ver no immenso das ceruleas ondas
Affigurar-se a imagem do infinito.
Oh! como é grande a mão da natureza!

Que vastos plainos d'ante mim-se estendem,
E vão em de redor nos horisontes
Topar co'as bases da celeste abobeda!

III

Vai-se acclarando agora o firmamento
E azulando-se o mar co'a luz nascente
Do primeiro, tenuissimo crepusculo.
Ei-la que assoma, despontando apenas
C'os roseos dedos, a formosa aurora
Vem brandamente a desparzir no pollo
As roxas, lindas flores, rociadas
Do matutino, bemfazejo orvalho,
Talvez por mãos dos zephyros colhidas
Nos jardins Ulysseus, nas brandas veigas
Ao remanso do placido Mondego...
Talvez hontem ainda a minha amada
Lhe respirasse o lisongeiro aroma...
Oh! recolhei-as, amorosas filhas
Do placido Nereu, ide nos collos
Dos Tritões namorados, ide ao Tejo
E ao manso rio que ingrossaram prantos
Da malfadada Ignez, ide, levae-lh'as

Aos do meu coração, o amigo, a amante :
Dizei-lhes que eu, eu sou que vos invio,
Que depóz vós o coração me foge,
E que so vivo nas memorias d'elles.
Ide ligeiras, sim, correi, ó nymphas...
Mas oh! do patrio meu Douro sombrio
Ai! não, não vades demandar as praias...
Amargosa e cruel me veda a sorte
Recordá-lo sem dor... Ferreas angústias
Lá misero soffri... lá n'este peito
Verteu perversa mão do deus dos males
Quanto fel espremeu do peito ás furias,
Quanto veneno lhe escumou dos labios.
A ingrata... Ah! nunca mais me lembre o Douro :
Suas riquezas para si que as guarde,
Suas aguas turvas impetuoso as role
Por entre as calvas penedias brutas
Que a lobrega torrente lhe comprimem :
Va, que a mim saudades não m'as deixa:
So tormentos me deu, não posso amá-lo...

IV

Esqueçamos memorias que afadigam,
E o spectaculo augusto contemplemos

D'esse nascente dia. Com que pompa
Se ergue das ondas o astro luminoso,
Como nos raios se aviventa o lume!
Vai crescendo o fulgor á luz nascente,
Douram-se em de redor os horisontes,
O mar se espelha e reverbera o brilho. . .

V

Salve, imagem do Eterno! ôlho do mundo
Que a doce vida no universo esparzes!
Ao teu assômo as delicadas flores
Vão na hâstea humilde indireitando as frentes.
Ja pela copa ás árvores frondosas
Os fechados botões se desabrocham,
Pulla na terra germinando e cresce
A incerrada semente, esp'rança e fito
Do lavrador cançado. Ó terra, e quantos
Quantos incobres ávida mysterios
Que nos teus penetraes otram seus raios!
E mais — por muito tempo a nós vedá-los
Não o imagines, não : vés essa deusa,
Pallido o rosto, os olhos incovados,
C'os ferros curvos que em teu seio imbebe

Rasga, franqueia?—É a sordida cubiça
Que por tuas intranhas laceradas,
As ricas veias dos metaes sangrando,
Lá vai cavar os crimes e flagícios
Que hão de infezar a triste humanidade...

VI

Oh sol! quanto é sublime n'essa esphera
A majestade tua! com que imperio
Dardejas fogo nos aquosos plainos!
Tua vista so no coração cortado
Do triste viajante alenta a esp'rança.
E eu, pela espalda de viçoso outeiro
Não te vejo surgir, nem brandamente
Ir-se c'os raios teus dourando as messes,
Prateando o arroio, os campos estmaltando...
Não oiço pelos floridos raminhos
Modular philomena as doces queixas,
Nem pastora gentil vejo no prado
Ir conduzindo os alvos cordeirinhos.
Nada, nada descobres a meus olhos...
So tu e o vasto mar... e a saudade.
Mas ha n'esta soidão tambem prazeres:

Para quem?... para o sabio?—O sabio préza
O fasto apparatuso das sciencias :
Não véem soar-lhe aqui da fama os brados,
Nem tanger-lhe os clarins que os evos ganham.
O ambicioso? o avaro?—A todos esses
Esteril é de gôso a soledade.
Quem te ama pois, ó solidão dos mares? .
O coração singello, e nunca heivado
Do veneno do crime, nem pungido
Do assacalado espinho dos remorsos.
Por essa immensidão de ceos e d'aguas
Sua alma se dilata e desaffoga;
Doce dos olhos lhe devolve o pranto
Co'a lembrança dos candidos amigos;
Prazeres que gosou recorda, e folga,
Novos medita, e em meditá-los gosa;
No seio se reclina á natureza,
E deixa ás vagas disputar-se o espaço.

VII

Insondavel mysterio! eu curvo a frente
Humildosa ante o Ser que te governa,
Ó mar, alto pregão da voz do Eterno.

Teus rugidores sons na tempestade
Acclamam seu poder; e o teu silencio
Na mudez majestosa testemunha
Sua grandeza immensa. O homem se perde
No arcano de tuas leis: e os sec'los passam,
Correm os annos, dias se appressuram,
Fogem as horas, os instantes voam,
E em de redor do circulo dos tempos
Suam, no curto espaço da existencia,
Um depóz outro, humanos sabedores
Sem o menor colhér de teus segredos.

VIII

Qual te imagina o pae d'este universo
Que, agglomerando multiformes massas,
Lhe deras ser primeiro; qual... — Mas onde,
Fraqueza d'homens, não levaste o homem
Quando, luctando a mesquinhez do ingenho
Co'a immensidão dos seres, o desvaira!
Es éllo da cadeia da existencia,
Pensador animal! a altiva fronte
Sôbre o pó do teu nada abate e humilha;
Vive essa vida; saborea o favo

Que na vida te deu a natureza;
No instincto do teu bem segue a virtude,
Dentro do coração lá tens um livro,
N'esse cumpre estudar, esse apprendê-lo...

IX

Que manso vai, co'as velas infunadas
Do amigo sôpro de galerno vento,
O ligeiro baixel, varrendo as ondas!
Não cobre o manto azul do ceo sereno
Nem o pardo menor de nuvem fusca;
E mal increspa a superficie ás águas
De amena viração, doce bafejo.
Folgam d'emtôrno os mudos nadadores,
Em quanto sequioso o marinheiro
Ou no traidor anzol lhe esconde a morte,
Ou no farpão certo lh'a dardeja.
E elle que mal vos fez? a natureza
Não lhe deu como a vós também a vida!
Oíço que me responde o despeitoso
Brado fatal do rispido britanno*:

• Hobbes.

—‘E teu estado, ó natureza, a guerra...’
Cumpre a destruição ás leis da vida;
E na longa cadeia da existencia
Convém... Que intentas desvairada musa?
Os que a divina mão sellou mysterios
Queres sondá-los? Appoucado e breve
Se estende além de nós o vasto mundo;
E mui perto os limites escaceam
Dos humanos curtissimos sentidos...

X

Como está leite o mar! Não, mais serenas
As namoradas vagas não folgavam
Quando a meiga, bellissima Erycina
Do espumeo germen resurgiu formosa.
Mar, do teu seio a deusa dos amores
Veio adoçar os fados do universo,
Dar a vida ao prazer, prazer á vida,
E o dulcissimo favo do deleite
Espremmer, derramá-lo na existencia.

XI

Que, mal a frente airosa ergueu das ondas
E as descuidadas transas mal inchutas

Pelos hombros de neve debruçadas
Arredou co'alva mão dos olhos negros,
Do seio lindo voluptuosas chammas
Subito os máres rapidas lavraram :
Corre o fogo divino e delicioso,
E o reino inteiro de Neptuno abraza.
As bonançosas, acalmadas ondas,
Beijando as curvas praias, vem na terra
O incentivo depor de ethereos gosos.
Voa a flamma subtil ao ceo e aos astros;
Não sabido prazer no Olympto os numes
Sentem no coração banhar-lh'o em gôsto.

XII

Nasceu Venus gentil, folgae: com ella
Véem os amores e as despedidas Graças,
As rosas do deleite desparzindo
Na alvoraçada sphaera. Em bando alegre
Jocos, risos brincões d'emtôrno a cercam,
Avidos beijos, lúbricos revoam,
Correm alados soffregos desejos;
E as verdes roupas desprendendo ao vento,
D'alva amendoeira coroada a frente,

Ante elles toda a Esperança os guia.
Ferve o graniso das douradas settas
Que aligeros frexeiros vão tirando.
Nuvens de corações corre a intregar-se,
E nos laços gentis prender contente
A mui pesada, inutil liberdade.

XIII

Oh! que banhar de gôsto delicioso!
Que affogar de prazer homens e numes!
Como derrete o gêlo da indifferença
Ante a divina abrazadora chamma!
Como se espraia pela vida o gôsto!
Como á existencia os vinculos se estreitam!
Como nos ellos da cadeia eterna
O ser se allonga, reproduz e aviva!
Mar! que venturas te não deve o mundo...

XIV

Filha das ondas, Cytherea bella,
Maga deusa d'amor, oh! não consintas,
Oh! não consintas que o teu vate anceie,

Soffra em teu reino despregados Euros
Torcer-lhe o rumo, desvairar-lhe a proa,
E cravar-lhe d'entôrno as grossas vagas.
É teu imperio o madido oceano...
E no mundo que ha que teu não seja?
Tu c'um sorriso as furias lhe assocegas,
C'um so fagueiro olhar as iras cruas
Lhe quebras docemente e lh'as abrandas:
Que esse que outr'ora pelo virgem pego
Ousou primeiro confiar-se aos ventos
Teu amparo o salvou, teu meigo auxilio
Lhe abonçou as cerulas campinas...

.....

182...

IV

BELLEZA E BONDADE

(DE SAPHO)

Quando ávida contemplo a formosura,
Tam breve é meu prazer que foge co'ella ;
Mas bondade e lisura,
Mas a innocencia, oh! essa é sempre bella.

V

O SACRIFICIO

(DE SAPHO)

Vem, Athis, coroar de infantes rosas
Essa frente ingraçada,—e as tranças moveis
De teus aureos cabellos, deixa-as sôltas
Pelo collo de neve.
Oh! que amavel pudor te anima e cora!
Vem, colhe com teus dedos melindrosos.
Frescas boninas, doces violetas
De suavissimo aroma,,

Que a victima de flores coroadas
Sempre é mais grata aos deuses. Vem : teremos
Éstas selvas sisudas por altares,

Onde a minha ventura

Me hade elevar aos numes soberanos.

Inlaga emtôrno a mim essas grinaldas,

Reclina-te em meu seio, os olhos bellos

Para os meus olhos volte...

Que linda coras! que formosos labios!

Essa pulida tez não cede ás flores;

Não, que a viveza de sua côr brilhante

O esplendor não te offusca.

182...

VI

A LYRA

(DE ANACREONTE)

De gôsto cantára Atridas,
E a Cadmo erguéra louvor ;
Porém as cordas da lyra
So sabem dizer amor.

Ha pouco, mudando-a toda,
Novas cordas lhe assentava,
E de Alcides os trabalhos
A cantar principiava ;

Mas, contra as minhas tenções,
Em vez de marciaes furores,
De teimosa e como a acinte,
Sempre vai soando amores.

Adeus, heroes! adeus, glória!
Adeus guerreiro furor!
As cordas da minha lyra
So sabem dizer amor.

182...

VII

GOSO DA VIDA

(DE ANACREONTE)

**De loto e de murtas
N'um leito virente,
Bebendo contente,
Me vou recostar :**

**E os copos alegres
Me venha Cupido,
De gala vestido,
Aqui ministrar.**

Qual roda de coche
No gyro appressada.
A idade açodada
Nos voa a fugir.

Desfeitos os ossos
Em van cinza leve,
Iremos em breve
Na campa jazer.

Porque hãode os sepulchros
Em vão ser ungidos,
E esses dons perdidos
A terra sorver?

Da-me antes em vida
As c'roas de rosas,
E essencias cheirosas
Para eu me toucar.

Ou traz-me uma bella
Que com seus amores,
—Em quanto aos horrores
Do Orco não vou—

Me venha estes gostos
Dobrar melhorados,
E os negros cuidados
Todos dissipar.

182...

VIII

A FORÇA DA MULHER

(DE ANACREONTE)

Ao touro deu corneas pontas
A prósida natureza,
Deu á lebre a ligeireza,
E a dura pata ao corcel.

A voar insina ás aves,
A nadar ao peixe mudo ;
E deu ao leão sanhudo
O dente destruidor :

Aos homens deu a prudencia;
 Á mulher não pôde dá-la...
 Acaso quiz desherdá-la,
Ou então com que a dotou?

Por armas e por defeza
 Deu-lhe as fórmaz ingraçadas
 Que o ferro, o fogo, as espadas,
Que tudo podem vencer.

1823.

IX

A ROSA

(DE ANACREONTE)

A rosa a amor consagrada
A Lyeu associemos ;
Co'as folhas da linda rosa
Nossas frentes coroemos,
Entre os copos a brincar.

A rosa é a honra das flores,
É o amor da primavera,
É dos numes o deleite ;
E o menino de Cythera,

Quando aos coros vai das Graças,
Leva sempre as tranças bellas
Com delicadas capellas
De lindas rosas toucadas.

Eia pois! tu me coroa
Se me queres, ó Lyeu,
Cantando no templo teu
Doces hymnos a intoar.
Irei, de rosas coroado,
Com gentil donzella ao lado,
Eu mesmo as tuas choreas
C'o sacro thyrsos guiar.

1823.

X

A POMBINHA

(DE ANACREONTE)

De donde vieste,
Amavel pombinha,
Gentil avezinha,
Aonde é que vas ?

De donde trouxeste
Aroma tam brando
Que esparzes, voando,
Por todo esse ar ?

—Foi Anacreonte
Que ao seu bem amado
Com meigo recado,
Aqui me mandou :

Seu bem que reparte
Dos lumes divinos
Ao mundo os destinos
N'um languido olhar.

Da maga Cythera
O cego menino,
A trôco de um hymno,
Ao vate me deu :

Sou de Anacreonte
Agora o paquete,
É d'elle o bilhete
Que vou intregar.

Prometteu-me cedo
De dar-me alforria,
Que eu antes queria
Sempre escrava ser . . .

Que gôsto é no mato
Andar pelas fragas,
Viver so de bagas,
Nos ramos dormir ?

Da mão de meu dono
Como alvo pãozinho,
E so bebo vinho.
Do que elle me dá.

Às vezes alegre
Saltando, esvoaço,
E sombra lhe faço
Co'as azas a dar ;

Ou quando me sinto
De somno pesada,
Na lyra doirada
Me deito a dormir.

Adeus! que me fazes
Ser mais palradeira
Que a gralha grasneira
Com o teu perguntar.

1823.

XI

O GENIO DE PINDARO

(DE HORACIO)

**Quem atrevido quer lutar com Pindaro,
Fia-se em azas que pegou com cera
A arte dedálea—e hade ir dar seu nome
Ao vitreo pego.**

Como esse rio que ingrossou co'a cheia,
E vem do monte, as ribas alagando,
Tal ferve e corre da profunda bôcca
Pindaro immenso.

Sempre dos louros apollineos digno :
Ou dithyrambos cante em novos termos,
E livre intoe numerosos versos

De regra soltos ;

Ou cante os numes, ou reis sangue d'elles
Que justa morte deram a Centauros,
E horridas chammas apagar poderam

De atra Chymera ;

Ou va coroando com os dous das musas
Os que, vencendo na corrida ou lucta,
Riccos das palmas d'Elide que cingem

Aos ceos se elevam ;

Ou sôbre a espôsa abandonada chore
A quem roubaram o marido joven,
E aureos costumes e a virtude exalte,

Pragueje o inferno.

É forte a aura que, em subindo ás nuvens
O dirceu cysne, lhe propelle os voos.
Eu, meu Antonio, como a abelha humilde
Que afadigada

Por bosque e prados, ás ribeiras humidas
Colhe do Tibur os tomilhos gratos,
Assim a custo meus lidados versos
Componho tímido...

1823.

XII

GLYCERA

(DE HORACIO)

Manda a mãe dos amores,
Da thebana Semelle ordena o filho,
E a lasciva licença,
Que a ja findos amores volva o ânimo.
De Glycera que brilha
Mais pura do que o marmore de Paros
A nitidez me inflamma ;
Grato me inflamma o garbo desinvolto,

E aquelle gesto lindo,
Tam tentador, tam lubrico de ver-se.
Chypre desamparando,
Vem toda Venus sôbre mim de golpe :
Nem ja cantar de Scythas,
Nem do Partho esforçado e cavalleiro,
Que no corcel voltado,
Fugindo e pelejando, se retira...
Nada que seu não seja,
Nada ja me consente.—Aqui, mancebos,
Trazei-me aqui verbenas,
E ponde-me em altar de toiças vivas
Taças de vinho, insensos;
Que a victima será depois mais branda.

1823.

XIII

O HYNVERNO

(DE ALCEU)

Jupiter chove, pelo ceo se inturva
 Fremente o ar;
Turgidas crescem as torrentes grossas
 Da agua a jorrar.
Frigido hynverno! morra nas fogueiras
 Do roxo lar.
Corra-nos vinho, franco, de mão larga,
 Vamos, virar!

Beba-se, e ja; porque a luz havemos
Ainda esperar?
Rapido é o dia, lentos são pezares,
Maus de acabar:
Deu-no-lo, o vinho, de Semelle o filho
Para os matar.
Válidos copos, um a um, ca dentro
Se vão junctar;
E aspera lucta travem na cabeça,
Que hãode quebrar.
Agua?... mostrar-lh'a: duas vezes vinho
A tresdobrar!

1823.

XIV

A ESPADA DO POETA

(DE ALCEU)

Eu coroarei de myrtho a minha espada,
 Como a de Harmódio, honrada,
E como a de Aristógiton, o forte,
Quando ao sevo tyranno deram morte,
 E Athenas libertada
Foi á egualdade antiga restaurada.

Tu não morreste, Harmódio, oh não! tu gosas
N'essas ilhas ditosas
Serena vida c'os heroes que ahi moram,
E onde, cremos, demoram
Diomedes, o valente,
E Achilles, o veloz, eternamente.

De myrtho a minha espada
Trarei como Aristógiton c'roada,
E como Harmódio o forte
Que á vingança a reserva,
Quando, nos sacrificios de Minerva,
Ao tyranno Hypparcho deram morte.

Em prezada memoria
Vivirá para sempre eternamente,
Harmódio, a tua glória,
E a tua, Aristógiton valente,
Que o tyranno matastes,
E á liberta cidade
O usurpado direito restaurastes
Da primeira egualdade.

1823.

XV

OSCAR

(IMITAÇÃO DE OSSIAN)

I

Arida emtórno a mim a natureza
So descalvadas penedias brancas,
So cresco, alvo regêlo me descobre :
Dorme a vegetação nos troncos seccos,
Morre no leito congelado o rio...
Toda repousa em lugubre silencio
A vida do universo,—em frio espasmo
Da existencia parou cansada a máchina.

Desabrida estação! quanto a minha alma
Se imbebe na mudez de teus horrores!
Todo o vigor se me acolheu, do corpo,
Ao coração no peito:—a alma compressa
Resalta e pula ás regiões ethereas.

II

Veloz imaginar, nas azas tuas
Eis-me librado! pelos ares vago
E espaços vingo de alongados mares,
Desço na terra e poiso... Oh! qual me cêrca
Inrevezada cerração confusa!
É mundo isto que vejo, é terra ainda
Ésta que piso?... Não descobrem olhos
Mais que nuvens e horror, trevas e cahos...
Lá se adelgaça um pouce a névoa grossa :
Vejo ouriçar-se ponteagudas penhas
Hirtas de abrolhos a alvejar co'a neve...
Lá cai de chofre em catadupa, e soa
Horrendamente, com fragor tremendo
Torrente immensa na soidão do valle;
Ei-la sombria se devolve e espraia
Pela extenção d'um lago...

III

....D'além vejo

Vir pelos topes dos fronteiros montes
Grave e pausado silencioso velho
Em vagaroso passo caminhando.
Longa dos hombros ao tallar lhe desce
Alva, comprida tunica; na dextra
Traz uma hâstea de lança farpeada,
E pendente da esquerda uma harpa antiga
Onde o vento ressoa em oucos echos.

IV

Gemeu de os escutar o ancião dos tempos,
E de profunda mágoa lhe soluça
O peito descarnado. Ei-lo que a toma
Nas mãos trementes, e lhe apalpa as cordas
Esbambeadas do vento, e desmontadas
Do longo correr de annos. Ja se affina,
Ja troa altivos sons em modo lugubre
Mas desusado e novo. Oh, que de Thura
É este o vate, Ossian este é porcerto.

V

Não me inganei; era de Ossian a sombra,
E assim cantou:

—Oscar, Dermid são mortos:

No florecer de esperançosos annos,
Ceifou amor cruel tam caras vidas.
Caruth é pae d'Oscar, Caruth os chora,
E a morte dos mancebos infelizes
Conta ao filho de Alpin.—Porque, diz elle,
Porque abrir-me de novo a fonte ao pranto,
Porque outra vez o peito me laceras?
Filho de Alpin, porque a pedir-me volves
A triste narração d'aquella morte?
Oscar, Oscar, meu filho!... Ai, d'estes olhos
Ja se affogou a luz no mar de lagrymas:
So a memoria das desgraças minhas
Dentro no coração inda não morre!
Como heide eu outra vez voltar minha alma
Aquella historia funebre... a essa morte
Do maior dos heroes?—Chefe dos bravos,
Nunca mais te verei, Oscar, meu filho?

VI

Ah, desapareceu de sôbre a terra,
Qual no meio de horrenda tempestade
O astro da noite, como o sol brilhante
Quando pejada cerração de nuvens,
Que das águas se elevam, se condensa,
E as crespas, fuscas rochas d'Ardanider
C'o negro manto pallida rebuça.
E eu triste, eu so no solitario alvergue
Definho, a pouco e pouco, em mágoa, e sécco,
Qual orme antigo da escabrosa Mórven
Que arido vento despojou dos ramos,
E que, ao mais leve sussurrar do norte,
Quasi vacilla e cai.—Chefe dos bravos,
Nunca mais te verei, Oscar, meu filho ?

VII

Não cai, filho d'Alpin, no campo o bravo
Como a herva do campo; a sua espada
Fumma, primeiro, do inimigo sangue;
Antes de succumbir, tremendo rompe

Co'a morte ao lado, os batalhões cerrados
Das hostes orgulhosas. Mas, ó filho,
Mas tu, meu caro Oscar, mas tu morreste
Sem que inimigo algum fosse, a teus golpes,
Na região da morte annunciar-tê.
Tincta no sangue a tua lança, oh triste!
Do teu amigo foi. . .

Um so nos peitos
Oscar, Dermid um coração so tinham:
Junctos iam ceifar da guerra aos campos,
E sua estreita amizade era mais forte
Que o aço da armadura que os vestia.
Entre ambos, sempre unidos nas batalhas,
Marchava a morte sêmpre; junctos ambos
Cahiam de rondão sôbre o inimigo,
Quaes dois rochedos que dos topos d'Árven
Se despegam e caem na terra e jazem.
Suas espadas fumegavam sempre
Do sangue dos mais fortes gottejando;
E so de ouvir seus nomes, inflavam
De pallido terror bravos guerreiros.
E quem, senão Dermid, a Oscar semelha,
E quem, senão Oscar, Dermid eguala?

VIII

Dargo, o valente Dargo, a quem na guerra
Ninguém nunca jamais não viu as costas,
Dargo a seus golpes succumbiu tremendos.
Como o dia ao nascer, mais bella ainda,
Era do morto heroe a bella filha,
Doce como o brilhar da branca lua.
Tinham seus olhos o luzir d'estrellas
Que atravez de chuvosa nuvem fulgem ;
Na primavera o suspirar da brisa
Mais suave não é que o seu bafejo ;
Recem-geada nas manhans a neve,
Que se ondea alvejando nas estevas,
De seu candido seio é froixa imagem.
Viram-n'a os dous heroes, e ambos a amaram ;
Adorava-a cadaum como a sua glória,
Possui-la ou morrer ambos queriam.
Porém da bella o coração rendido
A Oscar ficou, a Oscar toda se intrega :
Ja cega beija a mão que o pae matára
E não vê n'essa mão de Dargo o sangue.

IX

E Dermid disse a Oscar :—‘Ouve-me; eu amo,
Ó filho de Caruth, amo essa bella.
Sei que o seu coração por ti so bate,
Mas a minha paixão nem isso a apaga :
Oscar, rasga esse peito, ó meu amigo,
Seja a tua espada que me livre d’ella.’
—‘Qué! tingir no teu sangue a minha espada!’
—‘E quem, se Oscar não for, hade atrever-se,
E quem é digno de tirar-me a vida?
Morrendo por tua mão, morro com glória,
E eu quero a morte, amigo, mas honrada.’
—‘Pois bem, cruel Dermid, impunha o ferro,
E ás mãos de seu amigo Oscar expire.’

X

De Branno juncto ás margens combateram,
Tingiu-lhe o sangue as ondas fugitivas,
E sangue a relva que lh’as borda emtôrno.
Dermid cahiu... n’um último sorriso
De morte, o doce amigo saudando.

—‘Filho de Diaran’— Oscar bradava :
‘Fui eu que te matei, Dermid, eu, impio!
Tu que no mais ferido das pelepas
Não succumbiste nunca, agora, amigo,
Heide-te eu ver assim morrer sem glória!...’

XI

Disse, e a mágoa quebrou-lhe a voz no peito;
Vagaroso se affasta, e ao triste objecto.
Vai de seu triste amor. Ella no rosto
Lhe leu a intensa dor que o atormenta,
E disse:—‘Oscar, que nuvem tam pesada
Escurece a tua alma?’

—‘A minha fama

Perdi-a hoje, apagou-se a minha glória.
Sabes, filha de Dargo, a nomeada
Que eu tinha entre os archeiros: ouve agora
De erguido tronco suspenso o escudo
Estava de Gondur, Gondur o bravo
Que n’um combate minha mão prostrára.
Tentei de o traspassar com minhas frechas;
E em vãos esforços se me foi o dia.
—‘Pois bem! tentá-lo-hei eu?’ lbe voltou ella

‘Sabem as minhas mãos também vibrá-lo
Esse arco destruidor da tua glória.
Muitas vezes meu pae folgou de ver-me
Sempre certas cravar as frechas no alvo.’

XII

Partem. Trás do broquel Oscar se occulta.
Rápida a setta sibilando voa
Das mãos da bella para o seio amante.
—‘Arco ditoso!’ moribundo exclama
Ja todo em sangue o campeão dos montes :
‘Oh adorada mão! eu te agradeço.
Quem fôra digno de inviar-me ás sombras,
Ao filho de Caruth quem se atrevêra
Senão a filha do valente Dargo ?
Ah! seja inteiro este favor, querida!
Leva-me aopé do meu amigo e deixa-me,
Que morrerei em paz.’—‘Oscar,’ responde
A donzella : ‘e eu não sou filha de Dargo ?
Eu sei também morrer como tu.’—Disse,
E o bello seio atravessou n’um ferro :
Corre o sangue... ella treme e cahiu morta.

XIII

Junctos descansam do ribeiro á margem :
Cobre-lhe a campá a movediça eopa
D'um alemo frondoso. Ao meio dia
Desce o gamo fugaz do alto do monte
E ahi vem pascer á sombra, em quanto as chammás
Ardem no firmamento, e todo involto
Nas alvas, longas roupas o Silencio
Em derredor dos proximos outeiros
Reina em toda a mudez da natureza.

XIV

Assim cantava o caledonio vate ;
E de seu canto as derradeiras notas
Ainda em meu ouvido resoavam
Quando um raio de sol de luz creadora
No aposento me entrou, e a névoa toda
D'Escocia dissipou,—libertou-me alma
De não sei que oppressão, e me devolve
Aos doces climas da risonha Elysia.

482...

XVI

A D. SEQUEIRA

SAHINDO DE PORTUGAL

Fuge litus avarum.

Vme.

**Filhas da natureza, Artes divinas
Que dourais a existencia,
Que o mimo sois da vida, o doce affago
Que abranda nossas penas,
Nem, vós, candidas virgens, nem vós mesmas
Dos grilhões escapastes
Com que amarrou, aos argollões do averno,
A tyrannia, a terra.**

O sópro crestador do Despotismo
Vos murchou graça e flores
Da escravidão o bafo pestilente
Da face pura e ingenua
Vos destingiu a candidez e o pejo;
A çáfara lisonja,
Co'a torpe mão, no rosto macerado
Vos pôs fingida máscara.
Trasmudadas assim vos viu o mundo
Erguer com servil dextra
Padrões inglorios ao coroado vicio,
Monumentos á infamia.
Tal o cinzel que lavra insigne estátua
A Catões e a Titos,
Corta o busto de Nero e de Caligula;
Taes as divinas tintas
Que as angustas feições eternizaram
De Socrates, de Phócion,
No adulador pincel perdendo a glória,
De torpes Heliogábalos
Rosto invergonhador da humanidade
Criminosas conservam...
Bem vindo sejas, ó Sequeira illustre,
D'essa terra malditta

Onde crucificou a Liberdade
Povo de ingratos servos.
Tu que os louros de Vasco e de Campello
Reverdecer fazias
Por aquelle maninho priguiçoso
Que foi terra de Lysia,
Filho de Raphael, bem vindo sejas
A este asylo sancto.
Com o nobre pincel, não polluido
No louvor dos tyrannos,
Aqui celebrarás antigas glórias
Da que foi nossa patria,
Ou gravarás em lamina prophetica
O supplicio tremendo
Que a seus crueis algozes tem guardado
O Deus da Liberdade.

1824.

XVII

A CAVERNA DE VIRIATO

Yet came there the morrow
That shines out, at last, on the longest dark night.

T. MOORE.

I

Sôbre os eternos gelos
Que os picos annuviados
Do alto Herminio coroam,
Penteava a Aurora os fulgidos cabellos,
E dos anneis ondados
As auras matutinas
Sopravam brandamente
Viollas e boninas,
Que para lhe toucar a rosea frente
Colhêra a Noute nos jardins do Oriente.

II

Da precursora estrella
Alva amortece a luz languidamente

XVII

L'ANTRE DE VIRIATE

TRADUCTION DE M.^{LES} DE FLAUGERGUES

I

Sur les éternelles glaces qui couronnent les cimes neigeuses du haut *Herminio*, l'aurore avait déroulé ses cheveux éclatans, et dans ces ondoyans anneaux les brises matinales se jouaient, caressant de leur souffle amoureux les violettes et les amaryllis que, pour orner ce front vermeil, la nuit avait cueillies dans les célestes jardins de l'Orient.

II

De l'étoile son avant-courrière, l'aube amortissait la lueur qui s'éteignait languissamment.

Qual nos olhos expira
Da rendida donzella
Quando em braços do amante amor lh'os cerra
O espirito da serra,
Cujo é o sceptro das horridas montanhas,
D'essa luz indignado
Que seu throno de nuvens lhe dispersa,
O voo despregado
Co'as azas fuscas bate.

III

Sôbre as aguas pairou do morto pego
Onde vivente fol'go não demora,
E c'um sorriso negro,
Semelhante ao que ri na fatal hora
O anjo do mal á cabeceira do impio,
Contempla na voragem
As antenas quebradas, rotas quilhas,
Tributo de homenagem
Que o genio lhe enviou da tempestade,
Por vias não sabidas d'ôlho humano,
Dos sottopostos reinos do Oceano.

Ainsi s'éteint le jour aux yeux de la jeune beauté attendrie dont l'amour ferme la mourante paupière dans les bras frémissans d'un époux. Le génie de la *Serra*¹, le génie à qui fut donné le sceptre de ces monts agrestes, furieux de voir cette lumière qui déchire et disperse le trône de vapeurs où menaçant il siégeait, le génie de la *Serra* déploie son vol, et de ses noires ailes, il bat les airs dans son courroux.

III

Il plane sur les eaux du mort Océan, d'où jamais souffle vivant ne s'exhale. Il contemple l'horrible abîme et rit d'un rire semblable à celui qui à l'heure fatale, agite les lèvres de l'ange du mal au chevet de l'impie. Le génie du mont contemple l'abîme avec joie; il voit flotter brisés et confondus les nefes, les quilles, les mâts, les vergues. C'est un tribut que le génie des tempêtes lui offre et lui envoie des empires sousmarins par des routes aux humains inconnues.

¹ Chaîne de montagnes. Le mot espagnol est *Sierra*.

IV

Qual a setta desferida do arco d'evano
Do archanjo da morte,
Desce de golpe o espirito da serra,
E mergulhou nas aguas. Treme a terra;
Os subjacentes máres
De abobeda em abobeda gemendo,
Do boqueirão tremendo
Mandam horrido som que estruge os ares.

V

Mas ja co'a doce luz do sol infante
As nuvens accossadas
A frente d'alta serra destoucavam.
Sôbre a relva, no calice das flores,
Qual indico diamante,
Gottas achrysoladas
Do puro orvalho brilham multicores;
E as plantas acordadas levantavam
Para saudar a luz a hástea pendida
Do esfriado relento.
A toda a natureza

IV

Rapide comme le trait lancé par l'arc d'ébène de l'archange de la mort, le génie des montagnes descend et se précipite dans les flots. La terre frémit. Les mers inférieures gémissent, et du fond du gouffre ébranlé envoient de voûte en voûte¹ des sons horribles qui troublent les airs.

V

Mais déjà à la douce lumière du soleil naissant, les nuées se dispersent et découvrent le front de l'altière Serra. Sur la verdure, dans le calice des fleurs, les gouttes limpides de la pure rosée brillent et multiplient leurs lumineux reflets comme le diamant indien. Les plantes éveillées redressent, pour

¹Abobeda.

Vem do astro creador amigo alento,
Que remoja, que alegre e expande a vida.

VI .

Glória dos altos montes,
Magnifico Herminio, a quem saúda
A portuguez loquella
C'o gentil nome da formosa estrella
Com que tua fronte a topetar se atreve,
Nunca manhan mais bella
Por teus broncos penedos,
Tuas humidas gruttas,
Teus altivos, giganticos rochedos,
Catadupas sonoras,
Torrentes gemedoras,
Viçoso, ameno prado
Jamais raiou no Oriente apavonado.

VII

Salve, berço do nome lusitano!
N'ésta manhan solemne,
Que, em volver d'anno e anno,
Jamais acabará que a apague o tempo

saluer le jour, leurs tiges penchées sous les vapeurs humides de la nuit.

VI

Gloire des monts altiers! superbe *Herminio*! toi que le langage portugais salue du nom de la brillante étoile que ton front ose toucher, superbe *Herminio*, jamais tes cimes brisées, tes humides cavernes, tes sourcilleux et gigantesques rochers, tes cascades sonores, tes mugissans torrens, tes charmantes prairies, ne virent une matinée plus belle colorer le radieux orient.

VII

Salut, berceau du nom lusitain, salut! J'aime à te saluer en ce jour solennel dont jamais la suite de années n'effacera la mémoire regrettée.

Da saudosa memoria;
N'êsta manhan de glória
A ti venho, a ti venho, asylo sancto
Da lusitana antiga liberdade.
Tuas lobregas cavernas
Me serão templo augusto e sacrosancto,
Aonde da Razão e da verdade
Celebrarei a festa.
Ouça-me o val, outeiro,
Escute-me a floresta
Aonde do seguro azambujeiro
Seus cajados cortavam
Os pastores de Luso,
Que a defender a patria e a liberdade
N'esses tempos bastavam
De honra e lealdade.

VIII

Hoje! . . . — Meu sacro rito
Aqui celebrarei n'esta caverna.
Teu sanctuario é toda a natureza,
Potestade superna,
Deus do homem de bem, Deus de verdade,

Dans ce jour mémorable, je viens, je viens vers toi, asile saint de l'antique liberté portugaise! Tes cavernes profondes seront le temple auguste et sacré où je célébrerai la fête de la raison et de la vérité. Que les monts et les vallées m'entendent! Qu'ils écoutent ma voix, les bois où jadis les pasteurs de la Lusitanie coupaient leurs rustiques houlettes, en ces temps où, pour défendre la liberté et la patrie, il suffisait de l'honneur et du courage!

VIII

Aujourd'hui!... Eh! bien! je célébrerai mes rites sacrés en cette caverne. Ton sanctuaire n'est-il pas toute la nature, ô puissance suprême! ô Dieu des

Immensa majestade
Que do nada tiraste a redondeza.

IX

Ouve-me, ó Deus, recebe
Meu puro sacrificio.
No torpe malleficio
Da traição não manchei
Minhas mãos innocentes,
Nem sacrilego ousei,
Teu altar profanando,
Queimar o incenso vil da hypocrisia
Co'a dextra parricida gottejando
Sangue da patria, lagrymas fraternas,
Suor da viuva e do orpham.
Escuta, ó Deus, nas regiões eternas
Minhas acções de graças n'este dia,
Dia que a resgatar-nos
Do captiveiro odioso

hommes vertueux ! Dieux de vérité, majesté éternelle qui tiras du néant l'universalité des choses !

IX

Entends-moi, Dieu très-haut, et reçois mon pur sacrifice ! La vile et infâme trahison ne souilla jamais mes mains innocentes. On ne m'a point vu, sacrilège et impie, profaner tes autels en y brûlant l'odieux encens de l'hypocrisie. Ce n'est point moi qu'on a vu lever vers toi des mains dégouttantes du sang de la patrie, des larmes de la veuve et de l'orphelin, de la sueur d'agonie de mes frères. . . Oh ! ce n'est pas moi !

Écoute-moi donc, ô Dieu des régions éternelles, écoute et reçois mes actions de grâces ! Qu'elles montent vers toi en ce jour où, pour nous délivrer d'une servitude odieuse, tu étendis ton bras puis-

Estendeste o teu braço poderoso;
E a razão, liberdade,
Dons teus, do homem perdidos,
Restituiste á oppressa humanidade.

X

Mas que sinto!—Desvairam-me os sentidos?
Éstas cavernas tremem...
Emtórno os ares fremem...
D'echo em echo medonhos estampidos
Reflectem pavorosos!
Do extremo fundo lá d'esse antro surde
(Visão estranha é ésta)
Espectro, sombra...
——Manes gloriosos
Sois vós d'algum heroe?—A lança, o escudo
Imbraça, impunha : aos pés Aguias romanas
Prostradas!... oh! Viriato
Es tu, sombra magnanima...

sant! en ce jour où tu daignas rendre à l'humanité si long-temps opprimée la liberté et la raison, ces dons sacrés que tu fis à l'homme et que l'homme avait perdus!

X

Mais qu'entends-je!... Mes sens se troublent... Ces antres sombres mugissent... L'air autour de moi, l'air frémit. D'écho en écho se répètent des sons mystérieux. Du fond de la caverne obscure, quelle vision se lève? quelle ombre?... Mânes glorieux, êtes-vous ceux d'un de nos héros? Mais la lance est dans sa main terrible, son bras soutient un bouclier, ses pieds triomphans foulent les aigles redoutables de Rome... C'est toi, ô Viriate! ô guerrier magnanime! c'est toi!...

XI

Tua caverna é ésta :
De tua glória e teu nome é cheio ainda
O val, monte e floresta.
Libertador da antiga Lusitania,
Das regiões da morte
Vieste ver raiar a doce aurora
Da nova liberdade
Sôbre teus patrios montes ?
Esconde, esconde a face, ó varão forte,
Volve ao tumulto : a raça trahidora
Não acabou no vil que a preço indigno
Te vendeu aos tyrannos do universo :
O sangue d'esse monstro
Em quantos corações bate hoje á-larga !
São mil por um perverso ;
Covardes todos.—Feros que impunharam
Os Lusos teus para salvar a patria,
Adagas de sycarios se tornaram
Em mãos de Portuguezes.

XI

Cette caverne est la tienne, ton sauvage palais. Le mont, la plaine, les vallons, sont encore remplis de ton nom et de ta gloire. Libérateur de l'antique *Elysia*, des régions de la mort tu reviens pour voir briller sur tes monts paternels la douce aurore de la liberté nouvelle... Détourne, détourne ton front auguste, ô noble guerrier! Recouche-toi dans ton sépulcre! Elle n'est point anéantie la race perfide de ceux qui, pour un honteux salaire, te livrèrent, te vendirent aux tyrans de l'univers. Le sang de ces monstres, ce sang infâme, hélas! dans combien de lâches cœurs ne circule-t-il pas aujourd'hui? Pour un pervers, on en compte mille. Lâches, ils le sont tous. O Portugais! les glaives que vous saisîtes pour sauver la patrie, se sont changés dans vos mains en poignards tels qu'en aiguisent de lâches sicaires de la tyrannie.

XII

Patria! . . . não temos patria . . .
Oh! não ha para nós tam doce nome.
Grilhões, escravos, carceres e algozes,
De quanto outr'ora fomos,
Isto so nos restou, so isto somos.

XIII

A SOMBRA DE VIRIATO

'Não! sois mais que isso. O dia da justiça
Do Eterno chegará. Sua hora tarda,
Mas infallivel, soará n'altura;
E os echos da planicie hão-de annunciá-la.
Os impios buscarão onde esconder-se,
E a terra negará conto a seus crimes.
Máres de sangue cobrirão a terra,
E a morte folgará sóbre as ruinas.

XII

La patrie!... ah! nous n'avons plus de patrie; pour nous n'existe plus un nom si doux. Des fers, des esclaves, des cachots, des géoliers, de tout ce que nous fûmes jadis, voilà ce que nous sommes.

XIII

L'OMBRE DE VIRIATE

'Non! vous êtes, vous serez quelque chose de moins indigne, Portugais! il arrive le jour de la justice de l'Éternel. L'heure tardive mais infailible va sonner sur les hauts lieux. Les échos de la plaine proclameront l'heure terrible. Alors les impies voudront cacher leur visage et leurs œuvres, mais la terre refusera de les soustraire aux regards et de couvrir leurs crimes. Une mer de sang couvrira au loin le sol tremblant. La mort planera sur des montagnes de ruines.

XIV

‘Mas quem, quem desprendeu as cataractas

Do sangue, do castigo?

O impio que blasphemou

E de dizer ousou

No tredo coração:

‘*Não ha Deus; abusemos*

Affeitos de seu nome

Para avexar os povos; escudemos

Co’esse phantasma vão nossos imbustes.’

XV

‘Cegos! nadae no pelago dos males,

Luctae co’a ancia da morte: não ha tábua

Para vós, não, de salvação, de espr’ança.

—Uma arca so por esses máres voga,

Arca de alliança nova,

Sancta, e sagrada é ésta! . . .

Pacto de Deus c’os povos. Liberdade

XIV

‘Qui attira ces torrens de ven
fait mugir ces cataractes de san
qui blasphéma, le monstre qui
cœur pervers : *Il n’y a point de*
nom dont nous nous servons por
tions. C’est un fantôme que nous
abusés pour leur dérober les pièg
sons sous leurs pas.’

XV

‘Aveugles vous-mêmes ! niez
surnagez, si vous pouvez, sur c
que vos crimes ont enflé ! Lutte
vous luttez en vain. Pour vous,
de planche de salut, point de sec
rance !

‘Une nef solitaire vogue sur
c’est une arche sainte et sacrée, l’
ce nouvelle.

So restará do universal diluvio :
Da raça dos tyrannos,
Da fraticida guerra
Que ateára a oppressão entre os humanos.
Nem a memoria ficará na terra.'

1824.

C'est le gage du *pacte* à
peuples. Liberté, céleste Li
à ce naufrage universel. E
que le despotisme alluma,
aucun souvenir bientôt ne
re.'

XVIII

O ANNO VELHO

**Amara lemni
Temperat risu.**

HORAT.

Vai-te, anno velho, vai-te, e nunca volvas
 Dos seculos no gyro ;
Sumido sejas tu nas profundezas
 Da immensidão do nada,
Anno parvo e poltrão, chocho e sem prestimo,
 Inutil como um conego.
Quem fez caso de ti. Nem praguejado,
 Nem bemditto morreste,

Sem deixares legado ou testamento
A desherdada historia.
Foram teus dias, dias de rotina,
Como as lições sabidas
Da incepada, cuja caderneta
D'um lente de Coimbra;
Tuas horas, as horas *marianas*
Da velha abbadessa
Que ha quarenta annos tem no mesmo sitio
O babado registo
Do sancto favorito.—Vai-te, some-te,
Carunchoso anno velho :
Trague-te o olvido inteiro; mais memoria
De ti não fica á terra
Do que deixa um abbade de Bernardos,
Da academia um socio.

1824.

XIX

A TEMPESTADE

Cæco carpitur igni.

VIREIL.

I

Sôbre um rochedo
Que o mar batia,
Triste gemia
Um desgraçado,
Terno amador.

Ja nem lhe cahem
Dos olhos lagrymas;
Suspiros férvidos
Apenas contam
Seu triste amor.

II

Ondas, clamava o misero,
Ondas que assim bramais,
Ouvi meus tristes ais!
Horriovel tempestade,
Medonho furacão,
Não é mais agitado
Do que o meu coração
O vosso despregado,
Horrisono bramar!

Ancia que atropella,
Meu languido peito
É mais violenta
Que o tempo desfeito
Que a onda incapella,
Que agita a tormenta
No seio do mar.

III

- Mas ah! se o negrume
O sol dissipára
Calmára,
Seu nume
O horror do tufão.
Assim á minha alma
A calma
Daria
D'Armia
Um sorriso :
Um raio d'esp'rança
Do paraizo
Traria
A bonança
Ao meu coração.

1828.

XX

TRONCO DESPIDO

Sine nomine corpus.

Ving.

Qual tronco despido
De folha e de flores,
Dos ventos batido
No hynverno gelado,
De ardentes queimores
No estio abrazado,
De nada sentido,
Que nada elle sente...

Assim ao prazer,
À dor indifferente,
Vão-me horas da vida
Comprida
Correndo,
Vivendo,
Se é vida
Tam triste viver.

1828.

XXI

SOLIDÃO

Alonguei-me fugindo e vivi
na soedade.

ARRARS — DO PSALM.

I

Solidão, eu te saúdo! silencio dos bosques, sal-
ve!

A ti venho, ó natureza; abre-me o teu seio.

Venho depor n'elle o péso abhorrecido da exis-
tencia; venho despir as fadigas da vida.

Solidão, eu te saúdo! silencio dos bosques, salve.

III

Solidão, eu venho a ti; ja me não quero senão no teu seio.

Trago o coração opprimido; ãa mão de ferro m'o apperta.

O espinho da dor está cravado no meio d'elle; a angustia o torce sem piedade.

O affôgo lhe travou das arterias; todo o pézo da desgraça está em cima d'elle.

O meu sangue ja não tem vida; e circula de mau grado pelas veias frouxas.

Arde-me não sei que fogo no intimo do peito; queria chorar e não tenho lagrymas.

Travam-me na bôcca os azedumes do passado; a aridez do futuro seccou os meus olhos.

O que foi e o que hade ser anda-me esvoaçando pela phantasia; são pensamentos de azas negras como o corvo agoureiro.

O momento que é desaparece no meio d'elles; porque não é nada.

O homem não tem senão o passado e o futuro ;
o passado para chorar, o futuro para temer.

O presente não é nada ; e é so o que elle sabe.

Ja se esqueceu do passado, e o futuro não lh'o
disse Deus.

Eu vivo no futuro por uma esperança mais tenue
que o fio da aranha ; existo no passado porque ain-
da se me não foi o amargor dos tragos que bebi.

O presente está no meio, como o ponto no centro
do circulo ; mas a sua existencia é chymera.

Os raios que partem para a circumferencia são
reaes : tal é a minha vida.

D'aquelle ponto imaginario tiro linhas verdadei-
ras para o que fui e para o que heide ser ; todas
vão parar na desgraça.

Eu tive coração, amei ; ainda o tenho, e amo.

Mas o meu amor fadou-o a desventura ; bafejou o
o sôpro do mal.

Fui planta que so lagrymas a regaram ; o sol da
felicidade não se riu para ella.

Deu flores outoniças que não desabrocharam ; o
granizo as crestou, e a geada lhes queimou os ger-
mes.

Vai nobre armada;—desdobrando ufano,
O verde pavilhão nas altas poppas
Treme ao sôpro da brisa; e a cento e cento,
O echo reppetido,
Reflecte pelas águas o estampido
De cem canhões que troam.
—E morre pouco e pouco o som nas vagas;
E a praia é so. A praia—onde inda echoam
A celeuma dos nautas e o zumbido
De multidão confusa—so, callada,
Erma ficou; e nas alpestres fragas
Apenas se ouve a bulha compassada
Da ressaca, gemendo e murmurando,
Com que a maré das praias se despede,
Foge e volta, queixosa recuando:
Qual amante em custosa despedida,
Que adeus ja disse e adeus—e retrocede,
Nem partir sabe, que é partir co'a vida.

II

E a praia é so.—Não so: n'esse penedo
Que emtôrno tapeçou alga ramosa,
Um vulto vejo ainda; mudo, quêdo,

C'os olhos longos na planície aquosa ;
Disseras que o feriu c'o mago dedo
De Harpocrates a sombra mysteriosa,
Que n'uma estátua sua o transformára,
E so a vida nos olhos lhe deixára.

Como que lhe cahio desfallecida
A esquerda sôbre uma harpa desmontada,
E, com a dextra longa e estendida
Para o extremo horisonte, aponta á armada
Que a velas cheias cingra, e desferida
De amigo vento, corre impavezada :
Debuxa o rosto magoado peito,
De extranho menestrel é o traje e aspeito.

III

Mas lá se move, e em pé sôbre a alta roca,
Como inspirado subito
De espirito fatidico,
Com a trémula mão nas cordas toca
Da harpa, que em sons responde inda mais tremulos.
Que, alto e alto crescendo, agudos vibram,
E entre pena e saudade e glória e mágoas,
Assim coavam nas frementes águas :

I

'Alva pomba de esperança,
Voga n'arca mysteriosa;
Que no dia da bonança,
Quando a enchente procellosa
À voz do Eterno parar,
Pinhor da nova alliança,
Tu a nós hasde voltar.

'Sôbre a lodosa voragem
Que inda cobre meio mundo,
Deixa o corvo negro, immundo
Sua séde de carnagem
Em cadaveres fartar.

'Para a pombinha mimosa
Hade chegar o seu dia;
E quando a flor d'alegria
Na oliveira despontar,
C'o raminho de esperança
Pinhor da nova alliança,
Tu a nós hasde voltar.

II

‘Mas que altivo baixel vai cingrando
Pelo esteiro da armada leal,
Nem as Quinas do Luso arvorando,
Nem a Cruz do paiz de Cabral?
Que annuncia esse infausto pendão,
Estendarte de morte aziago?
Foge, foge, ó Maria, á traição;
São as côres da nova Carthago.
Não o ves de cruor salpicado
Tremular co’essas nódoas fataes?
É o sangue á traição derramado,
É o sangue dos teus mais leaes.
—Não se lavam do Nilo na glória
Essas manchas de opprobrio e de horror;
E immudece o clarim da victoria
Da Terceira ao gemido clamor.

III

‘Carthago desleal, embalde atroam
Teus Hannons, teus Amilcares traidores

O incrível fóro que povoam
Turba de vis, venaes declamadores,
E á tua plebe estúpida os pregoam
Da republica os fortes defensores :
Essa nódoa jamais hasde lavá-la,
E o universo em seu dia hade vingá-la.

‘Seu dia hade chegar : ja desvendados
Se espantam do tam longo soffrimento
Os povos opprimidos e ultrajados ;
Ja seguem com o ancioso pensamento
Ao Scipião do oriente, alvoraçados
O invocam contra Hannibal fraudulento,
E folga o mundo ao contemplar presago
Nas ruinas de Bizancio as de Carthago.’

IV

Assim cantava o peregrino vate
Nos rochedos do exilio ; e as ermas praias
Da inhospita Carthago resoavam
C’os respeitosos sons que n’harpa troa
Fremente indignação. Medonha emtanto
Em derredor a cerração crescia,

E as grossas gottas raras que despedem
As tumescentes nuvens, os lampejos
Que a mais e mais, de perto e perto amiudam,
Annunciavam tremenda tempestade
Que a instantes vai a desabar no pégo.

V

Eis subito, onde as nuvens mais opacas,
Mais peçadas do fluido se mostram
Que so a Frámlin subjugar foi dado,
Rompe e em golpes de luz no ceu fulgura
Raio, que segue horrisono estampido
De trovão, d'echo em echo reboando
Por ceus e máres, longo e longo... Os seios
Das nuvens se rasgaram; e entre o vívido,
Fluctuante clarão de mil relampagos,
Do atonito vate avulta aos olhos
Assombrosa visão. N'um corcel branco
Da côr da lactea-via lhe apparece
Um cavalleiro ancião; lucidas armas
De espelhado-brilhante ferro o vestem;
Descem-lhe as alvas, venerandas barbas
Té ao peito, onde a cruz de ouro, pendente

Do equestre collar, sôbre o aço fulge;
Na esquerda o Real pendão de Ourique ostenta,
E ponderosas chaves traz na dextra,
Que aperta, e cuidadoso olha e segura.
Tal ás margens do Tejo iria outr'ora
A Toledo em briosa romaria
Da lusitana lealdade o symbolo;
Tal de Martim-de-Freitas nos figura
O vivo imaginar, aspecto e fórma.

VI

'Suspende as notas do despeito iroso,'
Brada o celeste cavalleiro ao vate:
'Cessa o funebre canto doloroso,
E n'harpa lusitana os sons antigos
Acorda da victoria;
Hymnos intoa de triumpho e glória.
Inda ha sangue do meu por essas veias
Da gente portugueza; extincto ainda
Não foi o sancto amor da liberdade
Que os lusitanos peitos incendia,
Nem o timbre da honra e lealdade
Que entre os povos da terra os distinguia.

‘No meio d’esse pégo (e co’a bandeira
Apontou para o último occidente)
N’uma isolada rocha, que a fogueira
Das subterraneas furnas sempre ardente
De continuo rescalda, a derradeira
Leal phalange intrepida e valente
Com sangue imigo e seu tinge o oceano,
E a nódoa lava ao nome lusitano.

VII

„Olha, e verão teus olhos o alto feito
A alta glória dos teus.’—Disse, e brandindo
Na dextra a lança, para o Oeste accena :
No concavo do escudo as ferreas chaves
Deram tremendo som. O echo dos mares
O repettiu, e a negra tempestade
Immudeceu ante elle ; as nuvens fogem,
Os brados do trovão sumidos morrem,
E a derradeiro lampejar dos raios,
Como elles, des’parece o cavalleiro,
Um sulco d’alva luz té o horizonte
Descrevendo nos ceus : — e qual nas scenas
Subito corre a tella, e ostenta aos olhos,

Por feiticeira maravilha d'arte,
As terras longes e apartados povos
Que além mares, que além desertos jazem ;
Tal aos olhos do vate deslumbrados
O magnífico aspecto se descobre
De uma ilha vecejante e pampinosa,
Que ante elle, qual Delos, se offerece,
Ou qual ao domador das iras cruas
Do fero Adamastor a dos Amores.

VIII

Alcantiz bravos deredor a cercam ;
E nos erguidos cumes picturescos
De seus montes vegeta em morna cinza,
De mal extinctas crateras emtôrno,
Todo o luxo de Flora e de Pomona,
Que ao lourejar de Ceres dá realce
E c'os thyrsos de Baccho se mistura.
O tempestuoso Atlantico lhe quebra
Nas ouriçadas pontas dos rochedos
Que em orla a cingem ; e onde em amplo seio
Mais á larga lhe é dado entrar na praia,
Sôbre a pallida areia em rolos bate
E em alva franja se desfaz de espuma.

IX

A espaços, e uns sôbre outros torreando,
Baluartes avultam, e alto ondeia
Á matutina brisa, n'hástea erguido
Das nobres Quinas o estandarte antigo.
Rara nebrina cobre em parte o resto:
E á sombra d'ella, impavezada frota
Vai na inseada penetrando a furto...
— Quinas também arvora; mas infame
Quebra de bastardia a meio parte
O glorioso escudo; e o sangue fresco
Na alvura da bandeira lhe resumbra...
— Que sudario de mortos a disseras
N'uma armada de sombras defraldado
A aziago vento nos pegões da Styge.

X

Deu signal a atalaia n'alta tôrre,
E as negras bôecas dos canhões romperam
O crebro fuzilar; os ares cortam,
Cruzam-se as péllas que de morte sylvam;

E os echos das pacificas montanhas
Pasmam dos sons de guerra que repettem.
Nas naus desaba o rapido granizo
Do saltante peloiro; e o crebro estallo
Da palpitante, trépida granada
Ferve de terra e mar.

XI

Mas ja, baixando das erguidas poppas
Das alterosas naus, leves esquifes,
Armadas lanchas n'agua vão poisando,
E a inseada povoam: lentas descem
As phalanges dos bravos, que mal soffrem
Ir ao feito traidor co'as mesmas armas
Que leaes nos campos de Coruche e Prado
Tanta glória ganharam...Instam cabos,
Blasphemos centuriões, a infames brados
De ameaças, os pungem...Cede á fôrça
O soldado fiel, mas n'alma leva
A tenção fixa de lavar a injúria
No sangue vil do chefe que o deshonra.
Movem-se os remos; e, entre o fogo e a morte
Audazes penetrando, á praia abicam;

E braço a braço, peito a peito, encontram
O cidadão c'o escravo; — trava a lucta
Da perjura traição co'a lealdade,
E investe a escravidão co'a liberdade.

XII

E quem são esses nobres defensores,
Que, em poder tam pequeno, fixos, quedos
Aguardam seus terriveis aggressores,
E immoveis sôbre as pontas dos rochedos
Parecem desafiar seus vãos furores?
Ri-lhe a victoria ja nos olhos ledos,
Não bate o coração, tranquillã é a alma;
E a sorte esperam que lhes traga a palma.

A desmedida fôrça do inimigo
Não parecem contar; ou, se a contaram,
Suppõe-se cada qual n'este perigo
Que o ânimo ou os braços lhe dobraram:
A injúrias taes e tantas dar castigo
Os piedosos destinos lh'outorgaram
E so contam, so vêem co'a longa esp'rança
As delicias da proxima vingança.

XIII

Quaes injúrias, que affrontas?—Inda echoa
Do disperso senado nas abobedas
Calumniosa voz que altiva soa,
E de insultos cobriu a escolha impavida
Da lusa mocidade,
Que armas em vão pediu, e ás armas corre
Que lhe vedam traidores,
Combate, vence, onde não vence, morre,
E insina a seus covardes detractores
Que é mais fiel o cidadão que o escravo,
E que no peito do liberto bravo
A antiga lealdade
Remoça e cresce mais co'a liberdade.

XIV

Tu o dize, ó magnanimo guerreiro,
Glória da patria, em cuja nobre espada
Da afflicta Lysia o amparo derradeiro,
A derradeira esp'rança está firmada:
Dize-o tu, Villafior, quando primeiro

Assomaste na altura alcantilada,
Que assombros de valor, de patriotismo,
Que milagres não viste de heroismo!

XV

Qual, a travez de insolito perigo,
Vai de soccôrro a Dio o Castro forte,
Tal, entre a densa esquadra do inimigo,
O ardido Villafior, sem medo á morte,
Villafior dos rebeldes o castigo
E a quem domada não resiste a sorte,
Nas praias de Angra impavido surgira,
E com elle a victoria que o seguira.

E que pensaveis, desleaes traidores?
Incontrar so valor?—Teem cheffe agora
Da patria liberdade os defensores:
Na tenda imbelle por Briseis não chora
O Achilles pôrtuguez, e seus furores
Muito sangue leal inulto implora;
Não ha comvosco Heitor que vos defenda,
E Páris foge da marcial contenda.

XVI

Ei-los! ei-los que estolidos correndo,
Cegos se appressam a encontrar seu fado :
‘Matae, não deis quartel’ com gesto horrendo
O cheffe canibal brada ao soldado.
‘Perdoae, perdoae ; crime tremendo
‘É o d’elles (do heróe tal era o brado)
‘Mas não sigaes o exemplo do tyranno
Poupae, poupae o sangue lusitano.’

Trava a peleja : quaes leões feridos
Os renegados cheffes accommettem,
E blasphemando em horridos bramidos,
Instam c’os seus, despojos lhes promettem ;
De affrontosos supplicios, que aos vencidos
O vencedor prepara, lhes repettem
Fábulas mil com que o soldado excitam,
E a combater, mau grado seu, o incitam.

XVII

Mas não descança a espada que tempéra
Fogo que ardeu no altar da liberdade;

Nos gumes lhe poison a morte fera,
E nas mãos da briosa mocidade
É raio que fulmina e reverbera,
Raio de honra, valor, de heroicidade,
Que nos rebeldes campeões desfeixa
E em negras cinzas sôbre a praia os deixa.

XVIII

Um por um cahem na contenda ingloria,
Deshonrados cadaveres,
Tropheo ignobil que desdenha a glória,
Que á corda do patibulo
Roubou com pejo a espada da victoria.
Soprae do oceano tumido,
Soprae, ó ventos, derramae nos ares
Cinzas que a mão do algoz devia aos mares.

E vós, illusas victimas
Da tyrannia perfida,
Vinde, accolhei-vos ao amparo amigo
Da bandeira leal :
Soldados, ja não ha mais inimigo,
Bradae:—‘Real, Real!
Por Maria, bradae, de Portugal!

‘Viva Maria e viva a liberdade!’

Com lagrymas responde e a brados clama

O soldado corrido e invergonhado.

Nas fileiras da antiga lealdade

À voz se uniram do heroe que os chama,

E bemdizendo a mão que os ha salvado,

Lavar promettem a manchada fama

No sangue d’esse monstro de maldade

Que a patria c’o roubado sceptro opprime

E involuntarios os forçou ao crime.

XIX

Vencidos, vencedores, abraçados,

Todos triumpham na ganhada glória;

Da mesma causa todos são soldados,

E unidos cantam a commum victoria :

Os seculos por-vir lerão pasmados

Prodigio tal na lusitana historia...

O eccho dos máres que repette o canto

Nas vagas se ouve murmurar d’espanto.

XX

Sonoros rufam tremulos tambores ;
Os bravos batalhões, de Ourique intoam,
Em côro marcial, leaes clamores ;
E as alternadas coplas, que resoam
Como em resposta, se unem aos clangores
Das trompas,—dos clarins que agudo soam ;
Brande-se a espada inda sanguenta e nua,
E a bandeira Real no ar fluctua.

CÔRO DOS SOLDADOS

Real! Real! Real!
Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ

Repitta a Terceira as vozes de Ourique
Que ao throno elevaram o filho de Henrique,
E a filha de Pedro ao throno alçarão.

CÔRO

Maria protege a constituição.

ALGUMAS VOZES

**E viva Maria, viva a liberdade!
Miguel é tyranno
Feroz, deshumano,
Que reinar não hade.**

CÔRO

**Real! Real! Real!
Real por Maria de Portugal!**

UMA VOZ

**Victoria cantemos, victoria, victoria!
Maria triumpho:—seu nome é de glória,
Seu nome, que adora a lusa nação...**

CÔRO

Defende, protege a constituição.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade!

Miguel é tyranno

Feroz, deshumano,

Que reinar não hade.

CÔRO

Real! Real! Real!

Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ

Sua mão delicada bordou a bandeira

Que altiva tremula na heroica Terceira:

Cantemos, alcemos o invicto pendão.

II

Nossas armas humilhadas

Que abandonou a victoria,
Estes pendões ja sem glória

Depomos no teu altar.

Mas juramento que démos
Ninguem nos fara quebrar.

III

Ja tua mão omnipotente

Sôbre nós luz co'a esperança,

Ja vem o Iris da bonança

No horisonte a raiar.

Juramento que lhe démos
Ninguem nos fara quebrar.

IV

Do nosso libertador,

De dous mundos maravilha,

Eis do grande Pedro a filha

Que sôbre nós vem reinar.

Juramento que lhe démos
Ninguem nos fara quebrar.

V

Nas tenras, ungidas mãos
A paterna majestade
Pôs a nossa liberdade
C'o proprio sceptro a guardar.
Juramento que lhe démos
Ninguem nos fara quebrar.

VI

Nós, invocando o seu nome,
E o teu nome, ó Deus de Ourique,
Do filho do grande Henrique
O pendão vamos hastear :
Jurámos — e o juramento
Ninguem nos fara quebrar.

VII

São tambem teus inimigos
Os crus inimigos seus,
Que renegaram de Deus
Antes de a patria negar.
Nós, a jura que fazemos,
Ninguem nos fara quebrar.

VIII

Vamos, a esses traidores
Que a tua lei desprezaram,
Que a lei do povo calcaram,
Vamos, Senhor, castigar.
Este sancto juramento
Não no'lo deixes quebrar.

IX

Confunda-os, Senhor, tua ira ,
Desarme-os teu braço eterno;
Manda a confusão do inferno
Suas hostes baralhar :
Que nós jurámos—e a jura
Ninguem nos fara quebrar.

X

Jurámos livrar a patria,
A patria libertaremos ;
E, no throno que lhe erguemos,
A Rainha hade reinar.
Jurámos, sim ; e ésta jura
Ninguem nos fara quebrar.

1829.

III

NO ALBUM DE UM AMIGO

Nos valles do destêrro são colhidas
Éstas singelas, desmaiadas flores
Que por mãos da Saudade vão tecidas
C'os acerbos espinhos de suas dores:
Mas doce esp'rança as leva offerecidas
Ao casto altar dos conjugaes amores;
E ahi, morta a Saudade na ventura,
Os espinhos cahirão—Amor o jura.

Lond. 1831.

IV

NÃO CREIO N'ESSE RIGOR

Não creio n'esse rigor
Que nos olhos se desmente :
 É traidor
 O deus d'amor,
Mas em teus olhos não mente.

Deixa pois tanto rigor,
E na verdade consente :
 Que é traidor
 O deus d'amor
E nos olhos te desmente.

Lond. 1831.

V

RAMO DE CYPRESTE

À EX. SRA. D. ANNA L. DE T.

A ésta frente desbotada
De angústias e dissabores
Não cabe o louro da glória
Nem as rosas dos amores :
A triste fado votada,
Sem renome, sem memoria,
Nem terá piedosas flores
Sôbre a campa abandonada.
Sei que do negro cypreste
So me toca a palma obscura...
Mas nem essa rama escura

Que por tuas mãos colheste,
Nem essa quiz a ventura
Que me viesse coroar...
Tam cruel é minha estrella,
Tam funesto é meu dezar.

À mão innocente e bella
Que o triste ramo colheu,
Por mui alto para meu,
Volta pois o dom fatal;
Mas fica, esse sim, o agoiro
Que prophetiza o meu mal.
—Oh! quando faminta espada
Ou sibilante peloiro
Houver emfim terminada
A amarga, penosa vida...
Ao menos—se, assim pedida,
Mercê tal é de outorgar—
D'esses teus olhos divinos
Uma lagryma sentida
Venha piedosa os destinos
Do proscripto vate honrar.

S. Mig. 1832.

.VI

FLOR SINGELA

NO ALBUM

DE S. A. A. S. S. I. D. A. J. M.

Linda flor que nos jardins
Fôrça d'arte cultivou
Tem dobrada a folha, o cheiro,
Mas de fructo se privou.

Passa abelha diligente,
E admirou tanto primor;
Mas para os favos o nectar,
Vai buscá-lo a outra flor.

Singelinha de tres folhas
Co'a musqueta deparou,
E em seu calix meio-aberto
Oh que thesouro encontrou!

Como a abelha diligente
Que busca a singela flor,
Um singelo coração
Tambem so procura amor.

Paris. 1833.

VII

RAMO SÊCCO

NO ALBUM

DE UMA SENHORA BRAZILEIRA

I

No paiz doce de Cabral nascida
Afeita áquella eterna primavera
 Que perpetúa a vida
Na folhagem vivaz que não se altera,
Nem conhece as fadigas e a pobreza
De nossa lenta e velha natureza,

Porquê, filha mimosa
Da Atlantida formosa,
Porque tam tarde vens, nos tristes dias
De nosso feio hynverno,
Visitar éstas praias tam sombrias,
Éstas devezas horridas e frias,
So povoadas pelo gêlo eterno?

II

Bem te quero brindar, que es boa e bella;
Mas confuso e corrido
Venho co'as mãos vazias,
Que por esse vallado desabrido
Nem bonina singela,
Que offertar-te, desponta...
A queimada vergonta
Da combatida esteva
Açoita o furacão; o alvor que neva
Pende entre os ramos séccos do arvoredado,
E escarnece com perfido arremêdo
Os seus mortos amores
Que tarde—ai, tarde!—volverão co'as flores.

III

E que culpa tenho eu que, espediçada
Em dons contigo e com teu doce clima,
Tam pouco me deixasse a natureza,
 Tam pouco e minguaado?
—Ves: o pobre poeta estropeado,
Velho no coração, velho na rhyma,
 Não tem, na sua pobreza,
Com que te pôr aqui outra memória
 De sua boa amizade,
Mais do que um sécco ramo de saudade,
Sem flor, sem folhas... todo o viço e glória
Se lhe foi com o hynverno d'esta idade,
Velhice d'alma... oh! tam desconsolada,
Tam peor que a do corpo!—descontento
Perenne, tam pesado e sem confôrto,
 E em que, por mór tormento,
Sente a alma ainda—e o coração é morto.

Brux. 1836.

VIII

NUNCA MAIS

E o meu contentamento
Que eu cuidava que era meu,
Deu-me depois tal tormento
Qual, coisa nunca me deu.

CRISPAL.

I

Não, não creio nos teus olhos:
—Se eu já sei o que elles mentem!
Se conheço á minha custa
Que o que dizem não sentem!

Oh! quem me dera ignorá-lo
Para ser feliz ainda...
Era feliz com mentira;
Mas se a mentira é tam linda!

.....
.....

II

Uma vez—ha quanto tempo!
Seis lentos gyros no ceu
A lua inteiros volveu,
E aquelle instante divino
Na memoria de contino,
Inda me não esqueceu!
—Uma vez, teu braço trémulo
No meu braço repousava
De tua bôcca celeste,
Anjo do ceu que então eras!
Aquella voz desprendeste
Que sumida e vacillante
Acceitou meu voto amante...

.....

—Mal o labio a proferiu,

Mal o ouvido a sentiu;
Mas ouviu-a o coração...
—Não, que a ventura não mata,
Por isso ali não morri:
Mas foi peor do que a morte,
Mais fatal...—indoudeci.

III

Lembra-te? Foi longa a noite...
Longa aos outros pareceu:
A mim voou-me entre glórias,
Como os instantes do ceu.
Lembra-te?—O resto da noite,
D'esses olhos eloquentes
Que expressões tam vehementes
Sahiram de amor, de fe!

.....

Vivi um seculo inteiro
N'essa noite de ventura,
Vivi na illusão, no engano;
Mas érro tam lisongeiro
Oh, porque ainda não dura!

.....

IV

Da côr da aurora que nasce,
Entre roxo e côr de rosa,
Vestida essa fôrma airosa
Inda a vejo que balança
Nos vagos gyros da dança
Que ante mim se confundia!
E eu desvairado, eu sem tino,
Eu que a ti—a ti so via...
Hoje ainda, ainda agora
Vejo em teu rosto divino
Aquelle brilhar d'aurora
Que tanto me promettia...
Oh! mas a aurora mentiu;
Que veio importuno dia
E de nuvens se cobriu.
.....

V

Sei que apparencias culpadas
Estiveram contra mim...

Mas julgar, punir assim
E sem ouvir.....

.....
Oh! como eu então vivi!
Como de ancia e de amargura
N'esses dias não morri!
Foram seculos pesados,
Longos, lentos,—e contados
Hora a hora de tortura.

VI

Via-te, e nem ver-te ousava:
N'um tremor, n'um paroxismo,
De tua vista recuava
Como se fosse do abysmo.
Fugia de ti:—mesquinho!
Com te não ver me matava...
Triste de mim! e era morte
Mais cruel se te encontrava.
Teus olhos, aquelles olhos
Onde bebi tanto amor,
Teus olhos, fugia d'elles,
Cobrei-lhes medo e terror.

.....
E se os traidores, um dia,
Por cruel divertimento,
Renovando o ingano antigo,
Me dessem novo tormento?...
Co' a so idea do p'rigo
Todo eu estremecia,
E do horrivel pensamento
Como um covarde tremia.
Jurei, protestei mil juras...
— Para insensato as quebrar!
Bastou-te querê-lo um dia,
E eu proprio — fui-me intregar.
.....

VII

Espessa treva fazia
N'aquella solemne estancia,
E em pausada consonnancia
A voz da oração se ouvia.
Interno presentimento
No coração me batia...

Mas era o fatal momento,
— Fatal, funesto, fadado...
E ninguém foge ao seu fado.
Não fugi, fiquei, — perdi-me.
E sem combater — rendi-me...
Com um só de teus sorrisos
— D'aquelles que dás a mil! —
Em meu peito arido, morto
Mais esperanças nasceram
Do que flores tem abril:
Tristes flores, que vieram
Sem abrigo nem conforto,
E açoitadas dos granizos,
Dos *varios* ventos, morreram!

VIII

Que novos sonhos sonhei
De amor, de felicidade!
Com que feia crueldade
Teus lindos olhos fingiam,
Tam expressivos diziam,
Cruéis!...o que não sentiam!

IX

Ah! quebrou-se emfim o incanto,
Ja me não tórno a illudir;
Foi sonho de que acordei
E que não volvo a dormir:
Que d'esta vez entrou n'alma
Socegado o Desingano,
E, um por um, co' dedo experto
Os golpes do coração
Andou sondando sem dó:
Hade curar-se, elle diz,
Fica leso — e porque não?
De que me serve elle agora?
Para amar-te o tinha eu so,
So para t'o dar o quiz...

X

Vai...de quanto coração
Em peito d'homem batia
O mais valente quebraste,
Pois com tanto amor podia,

Todo o amor que lhe inspiraste.
Vai...: como este coração
Não fez outro a natureza,
Formou-o co'a mesma mão
Com que fez tua belleza:
Unicos ambos!—J'agora
Brilharás entre os mortaes,
Reinarás, serás senhora,
Serás admirada—Embora!
Mas amada...nunca mais.

1837.

IX

A MINHA ROSA

Quem, se uma vez pôs os olhos
N'aquella face tam bella,
Não viu n'ella — a sua estrélla,
Rainha dos seus amores?

Fallou-te a voz da minha alma,
A tua não n'a entendeu :
Coração não tens no peito,
Ou é differente do meu.

Queres que em lingua da terra
Se digam coisas do ceu ?
Coração que tal deseja,
Não n'o quero para meu.

• 183...

XI

O IMPRAZADO

They seem'd . . . unto the last
To . . . forget the present in the past,
To share between themselves some separate fate
Whose darkness none beside should penetrate.

BYRON, LARA.

I

No chão a hâstea da lança está cravada;
E a luzente armadura
Em tropheu se incastella
D'emtôrno da hâstea dura.

Brilha, na cinzelada,
Ponderosa rodella,
O antigo emblema heraldico sabido,
Que o nome conhecido
Do senhor d'essas armas apregoa.
O elmo implumado, que brilhante c'roa
O suberbo tropheu,
Ao vento baloiçando, ouco reboa.
Vai socegada resvallando a lua
No puro azul do ceu,
E nas fulgentes laminas
Cahem seus raios tremulos,
Como o vago lampejo
De luz que surde de incantado brejo.
O pendão inrolado,
Nas mysteriosas, variadas côres,
Traz segredo d'amores
A ninguem revelado :
Oh, se alguém o entendeu, não n'ó dissera,
Que n'essa hora morrêra.

II

É a justa ámanhan, cavalleiros,
É a justa; acudi a brigar.
Quem ficar no tranqueira estendido,
É signal que era fraco no amar.

Pois venha ja brigar, pois venha ja morrer,
Quem diz que tem amor, quem n'ó quer merecer!

Tropheu que ahi se ergue arrogante,
Um nobre senhor o arvorou :
Quer ser elle o mais fino amante;
Sua bella, a mais bella a jurou.

Quem se atreve a dizer-lhe que não?
Quem se atreve a tocar-lhe no escudo
Com a ponta da lança ou contão?
Quem se atreve? Ninguem. Ficou mudo
O tropel dos guerreiros então.

III

Arreda, arredar, fasta affasta!
Que ahi vem, brida sôlta, correndo
Guerreiro de aspecto tremendo,
Montado n'um negro corcel.

No escudo não tem mais quartel,
Tenção nem lettreiro que diga
A imprêza de guerra que siga,
A dama que sirva de amor.

Da guerra d'elrei Almançor
Virá co'essas armas sangrando,
Ou foi que na estrada algum bando,
O quiz, por má traça, matar?

Não sabe ninguém deciphrar
Mysterio de tanto segredo...
Chegou elle,—investe sem medo
O altivo tropheu do senhor:

Feriu-o no ponto d'honnôr,
Do conto da lança lhe dava,
O escudo insolente voltava
Ao nobre, suberbo campeão...

IV

Em sua tenda de damasco
Bordado de oiro á porfia,
Alli juncto ás suas armas,
O nobre dono dormia.

Ouviu o golpe atrevido
Que no escudo lhe batia;
Chamou pagens, escudeiros,
Muito á pressa se vestia.

No escudo das suas armas,
O coração lhe dizia
Que um homem so neste mundo
A tocar se atreveria.

Não quer lança nem cavallo,
Seus homens não requeria;
Co'a espada nua na mão,
So, pela tenda sahia:

—‘Aqui estou’ diz ‘que me queres?’
E a forte voz lhe tremia...

—‘A tua vida, imprazado,
Que ja passou anno e dia.’

V

Não houve mais fallas ; o nobre imprazado
Montou na garupa do negro corcel.
Partiram correndo por monte e vallado,
O estrondo fazendo d'um grande tropel...

D'alli a tres dias, tres noites contadas,
Sahiu sahimento com grande primor
D'allém do castello de Penamacor :
Duas tumbas levava pregadas, fechadas...
Junctava-se o povo de todo o arredor
A ver sahimento de tanto primor.
Mas cruz nem caldeira, ninguem n'a levou :
Sem rezas nem frades, o intêrro passou...

VI

N'aquelle castello dois irmãos viviam...

Nunca mais os viam.

E a bella condessa

De Penamacor

D'alli a um anno é freira professa

Em San'Salvador.

1841.

XII

A ESTRELLA

Ha uma estrélla no ceu
Que ninguem ve senão eu :
Inda bem!—que a não ve mais ninguem.

Como as outras não reluz,
Mas dá tam serena luz,
Que inda bem!—não a ve mais ninguem.

No cantinho azul do ceu
Onde ella está, não digo eu
A ninguem!—sei-o eu so : inda bem..

184...

XIII

L'ALCYON AU CAP

DE M.^{LLE} DE FLAUGERGUES.

This is so be alone, this is solitude.

**Chante et rase les flots d'une aile paresseuse !
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
Vogue mollement balancé !**

XIII

O ALCYON NO CABO

TRADUÇÃO

Isto sim que é estar só.

**Canta, e co'a ponta d'aza prigueirosa
Varre a onda serena!
Como o innocente que no berço imballam
Com branda cantilena,
Canta, suave Alcyon, e mollemente
Voga ao som d'agua amena!**

Moi, je sens que je touche au terme du voyage,
Quelques douleurs encore : puis la paix du cercueil !
Ne me plains pas ! long-temps sur moi grondal'orage ;
Mieux vaut dormir au port que trembler sur l'écueil.

Mais, toi ! rase les flots d'une aile paresseuse !
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
Chante, doux Alecyon, et par l'onde amoureuse,
Vogue mollement balancé !

Heureux ! tu n'as point fui ta famille chérie,
Tu n'es point triste et seul par la vague emporté
Ton doux nid t'accompagne, et toute une patrie
Te suit et vogue à ton côté.

Por mim, já da viagem chego ao termo.

Mais uma dor talvez...

E o túmulo depois: ninguém me cuite!

Descançarei de-vez.

Antes quero dormir no porto agora

Que ir dar n'outro revez.

Tu canta, e varre co'a aza prigueirosa

Essa onda serena!

Como o innocente que no berço imballam

Com branda cantilena,

Canta, suave Aleyon, e mollemente

Voga ao som d'agua amena.

Feliz es tu, que nem os teus deixaste,

Nem vais triste e sosinho,

Das ondas tempestuosas arrojado

A ignorado caminho:

Comtigo a patria, aonde vais, a levas

Boiando no teu ninho.

Loin, bien loin, de ma vue est le toit que j'implore ;
Loin, bien loin de mon cœur tout ce qu'il a chéri.
Me sera-t-il donné de voir, d'entendre encore
Un regard, un accent ami ?

Noble fille du ciel, amitié, pure flamme!
Partout où tu n'es point, est le froid du tombeau . . .
Eh ! quoi, vivre et mourir sans révéler mon âme !
De ma pensée ardente éteindre le flambeau ! . . .

Quoi ! rien qu'un roc muet ! rien, rien qu'un sable aride !
Une atmosphère lourde, un ciel tempétueux !
Plus triste que la nuit, rien que ce jour livide
Qui blesse mes débiles yeux !

Longe, ai! tam longe, eu tenho o lar que choro;
Quanto á vida me liga
Tam longe me ficou... Oh! ser-me-ha dado
Que eu ainda consiga
O ver um doce olhar, o ouvir ainda
Um som de voz amiga?

Nobre filha do céu, doce amizade,
Tua chamma não consente,
Tua chamma so, que ao gélo do sepulchro
A vida se arrepende...
E eu heide assim viver, morrer, sumir-me
Com este facho ardente
A queimar-me alma—e eu a apagá-lo á força,
Não me revele a mente!

Qué! so, n'este areal deserto e mudo,
So, essa penedia!
Ar que se não respira, um ceu pesado,
E ésta má luz de dia...
Uma luz alvacenta que me cega
Mais que a noite sombria!

S'il était seulement sur ce morne rivage,
Un écho solitaire à ma voix s'éveillant,
Une fleur sans éclat, un arbre sans feuillage,
Si je voyais au ciel un astre vacillant.

Oh ! j'aimerais l'écho plaintif, la fleur mourante,
L'étoile qui pâlit et l'arbre foudroyé !
Je leur dirais : 'Rendez à mon âme souffrante
 'Sympathie et pitié !'

Oui, pitié : car je souffre et respire avec peine,
D'un fardeau meurtrissant mon cœur est oppressé.
Oui, pitié ; car je meurs, et la mouvante arène
Va, comme un blanc linceul, couvrir mon front glacé !

Oh! se encontrasse ao menos n'essa praia

Um echo a minha voz!...

Se uma flor murcha, uma árvore sem folhas

Eu vira ahi tam sos!...

E trémula no ceu, vira uma estrélla

Entre o negrume atroz!..

A esse echo gemedor, á flor mortíça

Oh, como lhe eu quizera!

Á estrélla que desmaia, ao tronco sécco

Oh, como lhe eu dissera:

'Piedade, sympathia para uma alma

Que a mágoa dilacera!'

Piedade sim, porque eu padeço muito:

Um péso que o matou

Me opprime o coração; e ja presinto,

Na agonia em que estou,

Sudario alvo de areia ir-me cobrindo

A frente que gelou.

Je disais : tu passas sur l'onde frémissante,
De ton aile d'azur à peine l'effleurant.
Ton doux chant répondit à ma voix gémissante.
Comme les sons d'un luth entre mes doigts vibrant.

Reviens, réponds encore au cri de ma souffrance !
Tu plais à ma douleur, oiseau mélodieux !
Ton chant d'amour me semble un hymne d'espérance,
Et ta couleur brillante est la couleur des cieux !

Chante et rase les flots d'un aile paresseuse !
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
Vogue mollement balancé !

Eu dizia, e tu vinhas rente d'agua,
Ao som dos ais sentidos,
Roçando-a com as pennas azuladas.
Aos tristes sons carpidos
Teu canto respondeu, como o alahude
Que vibra estes gemidos.

Volta, responde ainda aos meus lamentos,
Que em ver-te a alma descança!
O teu canto d'amor nos meus ouvidos
É um hymno d'esp'rança,
E a tua côr brilhante a côr do ceu
Quando ri na bonança.

Canta, e co'a ponta d'aza prigueirosa
Varre a onda serena!
Como o innocente que no berço imballam
Com branda cantilena,
Canta, suave Alcyon, e móllemente
Voga ao som d'agua amena!

XIV.

O PHAROL E O BAIXEL

Como está segura a tórre

No meio d'agua! não ves?

No cimo a luz da esperança,

O escolho da morte aos pés...

Assim luz amor na vida,
Que é pharol de salvação,
Assim tem aos pés traidores
O escolho da perdição.
É bonança, e juncto á tórre
Dorme tranquillo o baixel!
Mas quem pôs firmeza em ventos,
Quem teve o mar por fiel?

Na torre ardia o pharol,
A onda morta se espelhava;
E o baixel já fatigado.
Pela brisa suspirava

O baixel é novo e lindo,
Velha a tórre e desdentada;
Ouvirás o que ella diz
Com a voz cava e rachada:

—'Baixelzinho tam ligeiro
Que essa calma impaciente,
Ai! não chames tanto a brisa,
Que póde vir a tormenta.

—Tu es uma tôrre velha,
Ahi présa n'esse escolho:
Cega todo o dia, apenas
Te accendem de noite um olho.

Que sabes tu do que vai.
No immenso campo do mar?
Eu tenho mais fe na vida,
Quero ver, viver e andar.'

—Sólta pois no mar da vida,
Lindo baixel, sólta as vellas;
Ventura te assopre os ventos,
Guie-te amor das estréllas!

Mas se ao voltar — na viagem
Da vida, o p'rigo é voltar —
Te vires perdido . . . Oh! vem,
Vem a mim, que me has-de achar.'

XV

SENTENÇA D'AMOR

NO ALBUM DE UMA JOVEN SENHORA

Tirou das azas a penna
E lavrou aqui Amor,
N'este livro de primor,
Sentença que já condemna,
Por sacrilego e traidor,

A todo o que a mão impura
N'estas paginas poser,
Tomando, com falsa jura,
O seu sancto nome em vão,
Para n'ellas escrever
O que impresso não tiver,
Bem fundo no coração.

184...

XVI

GRINALDA

Date lilia.

Vinc.

**Andei pelo prado vagando, vagando
Em busca da flor
Que aqui heide pôr.
Grinalda tam bella, que se vai trançando
Com tanto primor,
Que flor lhe heide eu pôr?**

Vou-me á borboleta, que n'esses vergeis

Anda a namorar,

Vou-lh'o perguntar . . .

Não: heide ir á abelha que mais sábias leis

Tem no seu gostar;

Ir-lh'o-hei perguntar.

Mas a borboleta é doida, coitada,

Não sabe das flores

Senão viço e côres;

E a pobre da abelha, sempre carregada,

Não ve no vergel

Senão o seu mel.

E eu n'esta flor quero da rosa a belleza,

Do lirio a candura,

Do nardo a doçura . . .

Diz-me o coração que nem natureza

Fez tal formosura,

Nem arte ou cultura .

Mas tambem me diz — e eu creio — oh ! que sim . . .

Que o jardim d'amor

Produz a tal flor.

Mancebos, correi, correi lá por mim :

O que achar a flor,

Que a venha aqui pôr.

184 . . .

XVII

JA NÃO SOU POETA

**Eu queria apanhar uma rosa
De um rosal que ja tive no céu,
Quando eu era poeta—e mimosa
D'essas flores que a'tantos ja deu,
Minha mão punha a c'roa ao valor
E prendia em grinaldas amor.**

Eu queria apanhar uma rosa
Do rosal que já tive no ceu,
Rosa pura, singela e mimosa,
Para a dar a quem tanto a mer'ceu,
A quem juncta ao precioso valor
D'alma bella, as mais graças d'amor.

Mas não sou já poeta; cahiu-me
Da cabeça a coroa, o poder:
A innocencia do Eden fugiu-me,
Fructo amargo provei do saber...
Sei, perdi-me... e na triste memoria
Nem saudades já tenho da glória.

Bem o ves, o alahude cahiu-me
D'estas mãos que não teem já poder;
E o som derradeiro fugiu-me
Do hymno eterno que ergui ao nascer.
Ai, por ti, por ti só, à memoria
Véem saudades do tempo da glória!

184...

XVIII

LIVRO DA VIDA

NO ALBUM DO SR. J. M. DO AMARAL

**Vai o talento e a amizade
Nas folhas brancas pintando
D'este livro os seus primores.
Memorias de saudade
Aqui ficam retrattando
As várias, dispersas flores**

Que no caminho da vida
Se vão colhendo e esfolhando...
E esta é a historia sabida
De toda a vida — e da flor
Que é, que foi, ou que for.

Eu deixo aqui so memoria
De uma sincera vontade,
De afeição, de lealdade:
Deve ter logar na historia
De que este livro é padrão,
Que é historia do coração.

1843.

XIX

AS MINHAS AZAS

Eu tinha umas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Que, em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao ceu.
—Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo que m'as deu :
Eu innocente como ellas,
Por isso voava ao ceu.

Veio a cubiça da terra,
Vinha para me tentar;
Por seus montes de thesouros
Minhas azas não quiz dar.
—Veio a ambição, co'as grandezas,
Vinhão para m'as cortar,
Davam-me poder e glória;
Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao ceu.

Mas uma noite sem lua
Que eu contemplava as estréllas,
E ja suspenso da terra
Ia voar para ellas,
—Deixei descahir os olhos
Do ceu alto e das estréllas...
Vi entre a névoa da terra,
Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Ja não se erguiam ao ceu.

Cegou-me essa luz funesta
De infeitiçados amores...
Fatal amor, negra hora
Foi aquella hora de dores!
—Tudo perdi n'essa hora
Que provei nos seus amores
O doce fel do deleite,
O acre prazer das dores.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Penna a penna me cahiram...
Nunca mais voei ao ceu.

184...

XX

KYRIELEISÃO

A senom Christeleijom
EGAS-MONIS ?

Este é o hymno derradeiro
Que, no fim do seu caminho,
Cantava o triste romeiro :

No cansaço e desalinho
Do longo peregrinar
Não sabia ja cantar ;

Nem as cordas do alahude
Lhe podiam affinar . . .

Teimou, e pôs-se a cantar
Este cantar tosco e rude.

À porta sancta de Roma
Eu bati c'o meu bordão ;
O padre-sancto me abria
Dizendo : Kyrieleisão !'

'Kyrieleisão ! — por minha alma,
Que morro sem confissão,
Se não digo ~~áquelles olhos~~
Que me deem a absolvição.'

'Absolvição ! — aqui tendes ;
Toma-e-a com devoção :
É uma bulla cruzada
Que manda ter compaixão.

Compaixão ! — minha senhora,
Tende-a de mim, ~~que é razão~~
O que manda o ~~sancto-padre~~;
Fazé-lo o fiel christão.

Christão! — é este meu peito ;
O vosso, infiel pagão!
As indulgencias que trago
Não sei se ca valerão...

Valer! — so Deus á minha alma,
Que morro sem confissão!
Senhora, vós, que a matastes,
Dizei-lhe : Kyrieleisão !'

182...

XXI

OLHOS NEGROS

Por teus olhos negros, negros
Trago eu negro o coração,
De tanto pedir-lhe amores...
E elles a dizer que não.

E mais não quero outros olhos,
Negros, negros como são;
Que os azues dão muita esp'rança,
Mas flar-me eu n'elles, não.

So negros, negros os quero;
Que, em lhes chegando a paixão,
Se um dia disserem sim...
Nunca mais dizem que não.

184...

XXII

A UMA VIAJANTE

Que heide eu dizer á amavel estrangeira
Que lhe fique em memoria
D'esta terra onde viça a laranjeira
Co'a doce flor d'amor
Juncto ao louro da glória?

Eu cantei como canta no verdor
Do bosque o rouxinol,
Sem saber o que faz—ledo co'a aurora,
E triste ao pôr do sol...
Deixei de ser poeta como o fôra'
Não sei porquê,—sei que o não sou j'agora.
184...

XXIII

ELLA

Oui, mon âme se plait à secouer ses chaînes:
Déposant le fardeau des misères humaines,
Laissant errer mes sens dans ce monde des corps,
Au monde des esprits je monte sans efforts.

DE LAMARTINE, Méd.

I

**Eu caminhava so e sem destino
No deserto da vida,
N'alma apagada a luz, e o desatino
Na vista esmorecida:**

E affastava de mim, que me impeciam
No caminhar adiante,
Os prazeres dos homens que sorriam,
E a turba delirante
De seus impenhos vão.—Aos que gemiam
Surria eu de inveja...
Quem podéra gemer!...mas arredava
Esses também: não seja
Traição a sua dor?—Eu caminhava
So, triste, so, sem luz e sem destino,
A vista esmorecida,
A alma gasta, apagada, e ao desatino
No deserto da vida.

II

Olhava para o céu, não via estrélla,
Nem eu buscava norte:
Que importava o guiar da luz mais bella,
Se das trevas da morte
Se innevoavam meus olhos, que a não via?...
Morte d'alma, que morre
De infado e dissabor...e sêcca e fria
Pezando jaz no coração!—ahi corre
O sangue com a vida:

A vida que é da terra, a bruta, a grossa,
Que, da outra desprendida,
Cahiu n'essa existencia absurda, insossa,
Que é durar so, andar, cansar com ella . . .
E eu ia d'esta sorte,
Olhava para o ceu, não via estrélla,
Nem eu buscava norte.

III

A aurora para mim não tinha flores,
Nem o sol resplendores;
E a morte-luz da lua, que é tam bella,
—Lembra-me inda de vê-la!—
Branquejava-me so como um sudario
Que ondeia ao vento vário,
Pendão de spectros que por noite fria
Vão a alguma aziaga romaria.
Os campos arrelvados,
Que de longe me riam, matizados
De viçosas boninas,
Em chegando, eram aridas campinas,
Gandras salgadas e ermas,
De uma areia alvacenta e nua—inférmas
E feias de avistar

Como terras maldittas...—Oh! nem flores
Não tinha que esfolhar
A aurora para mim, nem resplendores.
O sol que derramar.

IV

E sentei-me cansado n'um rochedo
Triste como eu e so,
No meio d'este valle de degrêdo,
De lagrymas e dó.
Cahiui-me a frente sôbre as mãos pesada,
E meditei commigo:
'Não é melhor pôr fim a ésta jornada
E poisar no jazigo?
Vagar, peregrinar sem fim, sem termo,
Sem causa, sem esp'rança,
So nas cidades, abafando no êrmo,
Faminto na abastança,
Morto na vida, e so, so, so!...'—Quem dera,
Quem me dera uma dor
Das que eu sentia d'antes quando era,
Quando impio e sem temor

Bradava ao ceu : 'Fatal presente d'alma

Que tanto, tanto sente!'

Puniu-me Deus : coalhou-se em podre calma

O oceano fervente

Das paixões tempestuosas de meu peito ;

As velas lassas batem,

Baloíça o baixel torpe e desconfeito,

E, nas cordas que latem

De impaciente priguíça, balanceia

A vida que me aneia.

Oh! quem ja naufragará n'um rochedo

Êrmo como eu, e so

No meio d'estes máres de degrêdo

De lagrymas e dó!

V

Qu'é do anjo que, ao gerar da minha vida,

Recebeu a palavra proferida

Do bôcca do Senhor,

O verbo creador

Que me deu alma e ser? o guarda, o guia

Que, desde esse momento,

Em fiel companhia

Habitar veio o coração que enchia,
De minha mãe, banhá-lo de contento,
De amor e de ternura?
O que depois, na tímida candura
De minha tam ingenua puberdade,
Quando os olhos sequiosos de ventura
Se ergueram a pedir felicidade
À primeira mulher que viram bella,
M'os guiou com piedade
Para os olhos d'aquella
Que amei quasi co'a simplice innocencia
Com que amei minha mãe?... Pobres amores!
Sem fogo, sem vehemencia,
Mas suaves e brandos como as flores...
Como ellas, desbotaram á luz viva
Com que, na quadra estiva,
Dardeja o sol—e a terra ha séde, séde
Que orvalhos não apagam;
Quer torrentes onde a agua se não mede,
E que, a affogar, saciam quando alagam...
.....
.....
Ai! esse anjo onde está que a minha vida
Da bôcca do Senhor

Recebeu na palavra proferida,
No verbo creador ?

VI

Com um longo suspiro derradeiro,
Um longo, último olhar de piedade
 Elle me abandonou,
 Quando ao festim grosseiro
Me viu sentar nas salas da impiedade,
 Quando, ai Deus! blasphemou
Minha bôcca em palavras consagradas,
E jurou fé e prometten verdade
A essas imagens vans, falsas, pintadas
 Que a torpe necedade
Do mundo idolos fez d'amor...—Que amores !

.....
.....

Ellas, como a saloia vende as flores
 Que achou na horta ou no prado,
E as traz, em molhos feitos, ao mercado,
 Murchas no viço, pallidas nas côres,
 Do atar, do repartir...
Assim vendem, nos bailes e nas festas,
A preço de vaidades e mentir,

De ambiciosas requestas,
O que so tem valor
Quando se dá—e que o dá amor...

.....

Co'esse longo suspiro derradeiro,
N'um longo, último olhar de piedade
O anjo me abandonou
Quando ao festim grosseiro
Me viu sentar nas salas da impiedade.

VII

Eu corri-me, chorei, quebrei a fronte
Na lage dura que soava em ouco,
Quando acordei de meu sonhar tam louco,
E vi inlodaçada e sêcca a fonte
D'esse impio templo—o do Prazer... Corri-me,
Bradei, chorei, carpi-me,
E tornei a vogar so, sem destino
No deserto da vida,
N'alma apagada a luz, e o desatino
Na vista amortecida.

VIII

E fui a erguer os olhos com despeito
Para o ceu, ás estrellas scintillantes
Queria perguntar se ésta era a vida
 Que me fadavam d'antes
 Quando me entrou no peito
Esta ância, este desejo, esta incendiada
 Sêde fatal de amar...
Olhei... e vi o azul do firmamento
 So, sem nenhum brilhar
 De estrellas ou de lua...
Mas logo se inundava n'um momento
De uma luz alva, doce e resplendente,
Que me entrou toda n'alma. A névoa crua
Da terra, mais e mais, se incruencia
E cerrava—que a vista já não via...
 Mas tam suavemente
Elevada d'aquelle doce luz
A alma subia, placida subia...
.....
 Deve subir assim
 Abraçada na Cruz

A alma do justo no bemditto dia
Que ao martyrio da vida lhe põe fim...

.....

Ja não erguia os olhos com despeito
Para o ceu, ás estrellas scintillantes
Não perguntava ja se ésta era a vida
Que me fadavam d'antes.

IX

Eu subia, subia... O brilho, a alvura
Da luz mais requintava,
E como que o meu ser compenetrava.

Então na immensa altura

Vi, claramente vista, a face pura
Da primitiva, etherea Formesura
De que á terra so vai reflexo baço,

Vislumbre froixo, escasso

Que, um momento, revela

Na face virginal — e a faz tam bella! —

Esse mysterio da eternal Grandeza

Que, desde a eternidade,

Antes de todo o ser, fez a belleza.

.....

Disse a minha alma: 'Esta é a Formosura
E o que eu sinto, Amor...'
E eram. Que fiz eu pois téqui? Á impura,
Falsa imagem de um idolo traidor
Trouxe a alma rendida,
E sem remorso prostitui a vida...

X

O meu amor primeiro,
Unico, derradeiro,
Achei-o pois: é ELLA.—Ella, um mysterio,
Um sonho—um veo cahido
Sôbre um symbolo! um mytho...
Mas é ELLA... Oh! é ella! Eterno imperio
Lhe foi, desde o principio, concedido
Em meu ser immortal. Sou, fui... escripto
Está que sou; que fui, que era ja d'ella,
Desde que ha ser em mim.
Não tem comêço, nunca terá fim
Este amor, que é do ceu:
Vida não n'ó accendeu, morte o não gela,
Que não póde morrer—se não nasceu!
No sempiterno Seio

Coexistiu c'o meu ser :
N'este da vida turbulento íleo
Passará a gemer
Como eu gemo. Mas toda a eternidade
Será nossa, depois, co'a Divindade.

184...

XXIV

NOVA HELOIZA

I

Juncto á ribeira do Téjo
Ha um val escuso e quieto,
Que escolheu nova Heloiza
Para novo Paracleto.
Alli um doce bafejo
De perfumes tem a brisa;

E n'um longo, longo bejo
Flora e Zephyro esquecidos,
Alli se ficam detidos
Em dobrada primavera;
Alli não murcham as flores...
Se hãode então murchar amores!

II

Onde a relva é mais mimosa
E a verdura mais viçosa,
De alto cume despenhado
Cai um lençol de agua pura
Nas brancas orlas franjado
De mais reluzente alvura.
Emtôrno da penedia
Cresce o jasmim, vive a rosa;
E a hera crespa e luzedia,
A madre-silva cheirosa
Não deixam chegar do dia
Aquella estancia sombria,
Senão ja meio-perdidos,
Os raios amortecidos...
Luz querida dos amores
Que alli vivem sos co'as flores!

III

O nome d'aquelle valle
É mysterio... não o sei :
Mandado me foi que o calle...
O seu nome callarei.
Tambem querem que o esqueça...
Esquecé-lo é que eu não sei.
Quiz a sorte—e se era avessa,
Se propícia, não direi—
Que um dia alli descuidado
Por acaso eu fosse ter.
É um labyrintho incantado :
Quem lá for, se hade perder...
Que andam alli os amores
Escondidos entre as flores.

IV

Entre as flores—tantas eram!
Vi uma, duas...vi mais...
Que não sei nem qual nem quais
O coração me prenderam.

Sei bem certo que o levava
Aqui no peito, ao entrar :
Aos baques que me elle dava
Milagre foi não quebrar!
Antes quebrasse... perdi-o :
Lá me anda como um vadio,
Doido, doido, entre essas flores,
O louco! a sonhar d'amores...

V

Lindo valle escuso e quieto
Que banhas os pés no Tejo,
E floreces ao hafejo
Da suave aura d'amor, .
Tu serás o Paracleto
Adonde se acoite a dor
De nova, terna Heloiza.
Tuas aguas a correr,
A suspirar a tua brisa,
Os teus bosques a gemer,
Vós todos lhe heisde dizer
Que alli no seio das flores
Não é que esquecem amores.

VI

Se com lagrymas salgadas
Ella as tuas flores regar,
Tu bem sabes, valle umbroso,
Que t'as não pôde queimar.
Tristes rosas desbotadas
Bem poderá desfolhar...
E a tez ao jasmim cheiroso
Com os suspiros crestar...
Mas, por cada flor d'amor
Que assim matar sem piedade,
Verá crescer-lhe ao redor
Mais dobrada a 'saudade.'
Que a mate... não mata, não;
Que a queime... torna a florir:
Vegeta em toda a estação,
Sol e chuva a faz abrir.
Oh, mal vai viver co'as flores
Quem se quer deixar d'amores!

VII

Mas va a bella Heloiza,
Va para o seu Paracleto;

E que tome por devisa
Triumphar d'um doce affecto...
Va com esse credo vão
Que a condemna á solidão...
Va com sua fortaleza
Desafiar a natureza
A duello singular...
Va... que póde batalhar,
Póde, va... mas vencer, não:
Que no melhor da peleja,
Quando o contrário fraqueja,
É que cede o coração...
Verá então entre as flores
Como riem os amores!

184...

XXV

O NATAL DE CHRISTO

Verbe incréé, source féconde
De justice et de liberté!
Parole qui guéris le monde,
Rayon vivant de vérité!

LAMARTINE, HARM.

I

O Cesar disse do alto do seu throno:
‘Pereça a liberdade!
Quero contar es homens que ha na terra,
Que é minha a humanidade

E, cabeça a cabeça, como rézes,
As gentes são contadas.
Proconsules e reis fazem rezenha
Das escravas manadas,
Para mandar a seu senhor de todos
Que, um pé na Águia romana,
Com o outro opprime o mundo. A isto chegára
A vil progeie humana.

II

E era noite em Bethlem, cidade illustre
Da vencida Judea
Que a domada cabeça ja não cinge
Com a palma idumea :
Dous afflictos e pobres peregrinos
Cansados vem chegando
Aos tristes muros, a cumprir do Cesar
O imperioso bando...
Tarde chegaram; ja não ha poisadas.
Que importa que elles venham
Da stirpe de Jessé, e o sangue regio
Em suas veias tenham?
Na geral servidão so uma avulta
Distincção — a riqueza;

Na corrupção geral so uma avilta
Degradação — pobreza.
Os filhos de David foram coitar-se
No presepe entre o gado,
E dos animaes brutos receberam
Amparo e gasalhado.

III

E alli nasceu Jesus... alli a eterna,
Immensa Majestade
Appareceu no mundo — alli começa
A nova liberdade.
Cantam-n'a os anjos que no ceu pregoam
Glória a Deus nas alturas,
E paz na terra aos homens! — Paz e glória,
Promessas tam seguras
Do ceu á terra n'esta noite sancta,
O que é feito de vós?
Jesus, filho de Deus, que alli vieste
Humanar-te por nós,
Tu que mandaste os coros dos teus anjos
Aos humildes pastores
Que dormiam na serra — ao pobre, ao povo,
Primeiro que aos senhores,

Que aos sabios e que aos reis, te revelaste—

Oh! que é d'ellas, senhor,

Que é das tuas promessas? Resgatados,

Divino Salvador;

Do antigo captiveiro não seriam

Os homens que fizeste

Livres c'o sopro teu, quando os criaste,

Livres, quando nasceste,

Livres pelo Evangelho de verdade

Que em tua lei lhes déste,

Livres em fim pelo teu sangue puro

Que por elles verteste

Do alto da Cruz, no Golgotha de infamia

Em que por nós morreste?

IV

Ve, ó filho de Deus! quasi passados

Dois millenios ja são

Que, ésta noite, em Bethlem principiava

Tua longa paixão;

E o edicto do Cesar inda impera

No mundo avassallado.

Os Cesares, seu throno—e quantos thronos!

Teem cahido prostrados...

Embalde!—as leis iníquas, que destroem
A sancta liberdade
Que n'esta pia noite annunciaste
Á oppressa humanidade,
Essas estão em pé. Será que o pacto,
Será que o testamento
Celebrado na Cruz tu quebrarias,
Senhor, no ethereo assento?...

V

Não, meu Deus, não : eterna é a Palavra,
Eterno é o Verbo teu
Que, antes do ser dos seculos, nos deste
Que o mundo recebeu
N'esta noite solemne e sacrosancta.
Nós, nós é que o quebrámos,
Nós, sim, o novo pacto e juramento
Sacrilegos violámos;
Esaús do Evangelho, nós vendemos,
Com torpe needade,
Por appetites sordidos, a herança
Da glória e liberdade.
Por isso os reis da terra inda nos contam
Escravos, ás manadas;

Por isso, em vão, do jugo sacudimos
As cervizes chagadas.
Porque não temos fé, não temos crença,
E a Cruz abandonâmos,
Donde somente está, so vem, so fulge
A luz que procurâmos.
E os vãos sabedores, esses magos
Que a vaidade cegou,
Não olham para o ceu, não vêem a estrélla
Que hoje em Bethlem raiou.

184...

XXVI

O REDEMTOR

SEQUENCIA

Ave, spes unica.

HYMN.

**Tu morreste por nós na cruz da affronta,
E o sangue derradeiro
Derramaste do alto do madeiro,
Jesus, filho de Deus, Deus verdadeiro !**

Aos crimes do homem não lançaste a conta,
Innocente cordeiro,
Quando foste no alto do madeiro
Lavar, com sangue, o último e o primeiro.

E n'aquella hora o mundo foi mudado :
A antiga, froixa luz
Se apagou no calvario aopé da cruz ;
E agora é novo sol o que reluz.

Por deseguaes direitos, affrontosos
Para o pobre que lida,
Que trabalha, que sua pela vida
Andava a terra pelos reis regida.

Vãos sabedores, ricos poderosos
A tinham submettida
Ao erro torpe que imbrutece a vida
E que apaga a razão n'alma perdida.

Acabaram-se as leis dos reis da terra ;

E ésta so lei ficou :

O, rei que está na cruz nos libertou

E com seu sangue a todos igualou.'

184...

NOTAS

NOTAS

AO LIVRO PRIMEIRO

NOTA A

Cuja sciencia . . . não ve mais coisa nenhuma entre
o ceu e a terra do que as que sonha a sua philo-
sophia pag. 6.

Shakspeare faz dizer ésta sentença a um dos pro-
fundos pensadores que elle põe a fallar naquelles seus
dramas immortaes :

There are more things in heaven and earth, Horatio,
Than are dreamt of in your philosophy.

São justamente essas coisas de cuja existencia não
sonha a philosophia humana, as com que não contou,
em seus calculos, ésta moderna sciencia da economia
politica; sciencia que hade estragar a civilização e o

mundo, porque nos lançou no individualismo absoluto e exclusivo, consequencia inevitavel das doutrinas dos utilitarios.

Ja se vai percebendo no coração da Europa, não tardara a sentir-se em toda ella amargamente, a fatal verdade d'esta observação, ~~que não é para aqui exten-~~ der, mas que era forçoso apontar para se intender o texto citado.

NOTA B

Esse principe allemão que é tanto moda . . . não
cuidem que é . . . o aventureiro que aqui an-
dou ha dous annos pag. 8.

O principe Muskaw, ingraçado auctor de 'Tutti-frutti' das 'viagens de Semi-lasso' e de outras rhapsodias elegantes e desgarradas, é um escriptor bem conhecido e geralmente estimado. Receou-se porém que algum litterato de botequim o não confundisse com essoutro apenas conhecido pela sua publicação sobre Hespanha em que tam insultada é a memoria de D. Pedro IV (de Portugal). Da broxura que elle ultimamente deu á luz sobre a nossa terra, cre-se que o bom do principe não é senão o 'editor responsavel.'

NOTA C

Recontar fadigas

De procellas, de calmas acintosas..... pag. 22

Este fragmento foi escripto no mar em uma longa e penosa viagem de Lisboa á ilha Terceira. Em parte ja tinha sido publicado no número IV do jornal litterario o 'Chronista' que sahia em Lisboa em 1827.

NOTA D

Belleza e bondade (de Sapho)..... pag. 34

Na elegante collecçãozinha publicada nos fins do seculo passado em Paris com o titulo *Oeuvres de Sapho*, vem-lhe attribuida esta especie de epigramma, ou antes, apothegma poetico. D'ahi o traduzi como tal; mas procurei depois, em vão, o texto grego, tanto nos *Poetae graeci veteres*, como na rara collecção de lyricos gregos de Henrique Stephano impressa em Paris em 1626.

O mesmo me succedeu com a peça seguinte a esta (V do Liv. I) que tem por titulo 'O sacrificio.'

NOTA E

Foi Anacreonte

Que ao seu bem amado.....pag. 47

Eliminou-se, na traducção d'esta linda ode, o nome de Bactylo, a quem no original é consagrada por Anacreonte, do mesmo modo que Virgilio dedicou a Alexis a sua segunda egloga.

Salva ésta infidelidade, que a decencia dos nossos costumes exige, em tudo o mais, os presentes estudos sobre Anacreonte são traducções tam severamente litteraes quanto o genio das duas linguas o permite. O mesmo digo das de Alceu, Horacio, etc.

NOTA F

Não me inganei; era de Ossian a sombra,

E assim fallou pag. 61

A especie de introdução que chega até estes versos não é de Macpherson, ou de quem quer que foi o verdadeiro auctor das 'Poesias de Ossian': fi-la eu para me exercitar n'um genero que, nos meus primeiros annos, me parecia o sublime dos sublimes—como elle já pareceu a Napoleão e a Cesarotti. O epilogo, que se contém nos ultimos oito versos do poemeto, tambem é da mesma lavra.

NOTA G

Caverna de Viriato.....pag. 72

Na que póde considerar-se como ‘a primeira parte’ do que chamarei minhas ‘poesias menores,’ a qual se publicou em Londres 1829, sob o titulo de ‘Lyrica de João Minimo,’ vem já incluída ésta ode ou canção a pag. 161. A melhor chronologia com que agora se ordenou, tanto aquella primeira parte como ésta segunda, obrigou a collocar aqui a *Caverna de Viriato*.

Mademoiselle de Flaugergues, no seu lindo livrinho *Au bord du Tage*, Paris 1844, publicou a traducção franceza que aqui se dá aopé do texto, que foi o mais lisongeiro cumprimento que o auctor podia receber. Veja a nota I ao Liv. II da presente collecção, pag. 232.

NOTA H

O anno velho..... pag. 94

Foram ja impressos, por engano de data, estes versos na ‘Lyrica de João Minimo.’ Veja nota antecedente (G ao Liv. I), e o que se diz prologo da presente collecção.

AO LIVRO SEGUNDO

NOTA A

Desdobrando ufano
O verde pavilhão nas altas poppas
Treme ao sopro da brisa..... pag. 408

A joven Rainha de Portugal então de onze annos, e a joven Imperatriz do Brazil com poucos mais, partiram de Inglaterra em 1829 n'uma fragata brasileira, accompanhada por mais dois navios de guerra da mesma nação. Horas antes da sua partida chegava a Inglaterra a noticia da victoria da Praia nos Açores. Esta notavel coincidencia inspirou o presente poemeto, que primeiro se publicou em Londres no jornal portuguez intitulado 'O Chaveco' num. III de 23 de septeembro d'aquelle anno, com o titulo: *A Lealdade, ou a Victoria da Terceira, canção*. D'ahi a pouco, no mesmo anno ainda, se fez segunda edição em um folheto separado, com este outro titulo:—*A Lealdade em triumpho, ou a victoria da Terceira—canção—ao general conde de Villaflor e ao valoroso batalhão da Senhora D. Maria II.—Londres—etc. etc.* M DCCC XXIX.

NOTA B

Estendarte de morte aziago...

São as côres da nova Carthago..... pag. 111

Allude-se á fragata ingleza que seguia os navios brasileiros, e que, á vista do procedimento que o governo britannico tinha tido com a Rainha e com os portuguezes emigrados, com razão intendiamos todos que ia mais para a vigiar, do que para lhe fazer honra.

O mesmo sentimento, bem natural, inspirou muitos outros versos analogos n'esta peça. Até para a Russia, que então se achava com o seu exército sôbre Constantinopla, appellavamos nós, para ver por alli começar a destruição do obnoxio podêr inglez que tanto nos avexava.

Commentar todo este poemeto seria quasi escrever a historia d'aquelle anno tam cheio—1829.

NOTA C

Uma ilha rocejante e pampinosa pag. 116

A ilha Terceira, onde, poucos dias antes, as reliquias do partido liberal tinham ganho a célebre batalha da Praia em 11 d'Agosto d'esse mesmo anno de 1829.

NOTA D

E quem são esses nobres defensores pag. 419

O batalhão de Voluntarios da Rainha, que não eram soldados de profissão, foi o que ganhou a victoria da Praia.

NOTA E

Quaes injúrias, que affrontas pag. 420

Na camara dos Pares em 1826-27 tinham-se ditto e feito as maiores injúrias aos voluntarios, que, por amor da liberdade e do soberano, se armavam e pe-lejavam pela causa commum. Pouco menos lhes tinha feito o govérno. Elles desaffrontaram-se como o soldado de Vieira, que, em sua inimitavel linguagem,—*morre... e vinga-se.*

NOTA F

Cinzas que a mão do algoz devia aos máres.... pag. 423

Este verso cuja barbara allusão é bem óbvia, sente-se da exaltação em que a guerra civil trazia os animos. Depois da contenda, ninguém accusará nunca o auctor de que, em verso ou em prosa, em público ou em particular, soltasse taes expressões, e menos ainda tivesse taes pensamentos. Nem o reclama como grande merito: é vulgar virtude a generosidade entre Portuguezes. Se não fosse

meia duzia de más almas que ahi ha por desgraça, talvez se podesse escrever sem sangue toda ésta historia das nossas desavenças politicas.

NOTA G

A mão innocente e bella

Que o triste ramo colheu.....pag. 155

Na ante-vespera da nossa partida de San'Miguel com a expedição para o Porto, uma jôven senhora—que hoje deve de ser anjo no ceu—colheu um ramo de cypreste e o deu ao auctor...no dia seguinte exigiu que elle lh'o restituísse; e o ramo voltou acompanhado d'estes versos. É quanto basta para se elles intenderem com o mais não tem nada o leitor.

NOTA H

O imprazado.....pag. 155

Talvez não devesse collocar-se aqui ésta composição, que pertenceria melhor ao 'Romanceiro.—Romance é ella, más não no estylo casto e singelo dos nossos romances antigos, como o auctor se lisongeiava que são as suas outras composições da mesma natureza.' N'este quiz-se mais imitar a eschola de Schiller, e provar forças por todos ou quasi todos os metros que a nossa lingua comporta: por isto é que o não quiz incluir no Romanceiro a par d'essoutros.

Penamacor so deixou de ser um título vago e um nome vão depois de impresso este livro; aliás, ter-se-hia mudado: agora é impossível fazê-lo.

NOTA I

O alcyon no cabo.....pag. 463.

O texto de *Mademoiselle de Flaugergues*, que aqui se dá ao pé da traducção, appareceu, a primeira vez, em um jornal francez *L'Abeille*, que se começou a publicar em Lisboa em 1836. Residia então aqui a auctora d'estes lindos versos. Traduzi-os logo, e sahiram impressos, n'esse mesmo anno, no *Portuguez Constitucional*. Nem a traducção foi esmerada nem a publicação correcta. Apesar d'isso, M.^{lle} de Flaugergues teve a bondade de a incluir na sua collecção, ja por vezes citada, *Au bord du Tage*. Mas ahi appareceu muito peor ainda, graças aos compositores francezes que decerto não intendiam o que compunham.

Agora não vai so restituída, vai refeita a traducção, porque realmente o merecia a belleza do original e a obsequiosa civilidade da auctora.*

* Para illustração do que se diz n'esta nota I, transcrevemos n'este logar outra nota, que é a que Mlle. de Flaugergues poz á traducção portugueza do Sr. Garrett quando a publicou em Paris.

'Le poète qui nous a fait l'honneur de traduire cette petite pièce

NOTA K

Não olham para o ceu, não vêem a estrella
Que hoje em Bethlem raiou.....pag. 247

Ponho uma so nota a este verso, a toda a ode, e serve tambem para a seguinte:—é em duas linhas, mas vale um livro:

Onde a liberdade se não abraçar com a Cruz, onde o povo não derivar os seus direitos immediatamente de Deus e do Evangelho—ahi, liberdade verdadeira, não a hade nunca haver. As theorias philosophicas valem para o espirito; e o espirito é o menos para os povos. O coração é tudo e ao coração so a religião póde chegar.

Appareceu a primeira vez impressa esta ode na *Revista Universal Lisbonense* de dezembro 1844.

est un des hommes plus marquans qu'il y ait aujourd'hui en Portugal, soit dans les lettres, soit dans la politique: le nombre de ses écrits en divers genres est très considérable, et la tribune législative lui doit le plus grand éclat dont elle ait brillé en ce pays. Au nombre de ses œuvres poétiques, est un recueil de *rimas* qu'il a publié sous le pseudonyme singulier de *João Mínimo* (Petit Jean). Nous avons pris dans cet ouvrage la belle ode intitulée: *L'Antre de Viriate* dont nous nous hasardons à donner une traduction, en prose pour plus de fidélité. Si cet essai passe sous les yeux du poète et qu'il obtienne son approbation, nous userons donner la version complète du recueil.

(*Nota dos Edit.*)

INDICE

ADVERTENCIA	v
FLORES SEM FRUCTO—Introdução.....	3
 LIVRO PRIMEIRO.....	 11
I—Hymno á poesia	ib.
II—A Julia	17
III—O mar	21
IV—Belleza e bondade.....	34
V—O sacrificio.....	35
VI—A lyra	37
VII—Góso da vida.....	39
VIII—A força da mulher.....	42
IX—A rosa.....	44
X—A pombinha	46
XI—O Genio de Pindaro.....	49
XII—Glycera	52

XIII—O hynverno	54
XIV—A espada do poeta	56
XV—Oscar	58
XVI—A D. Sequeira	69
XVII—A caverna de Viriato	72
XVIII—Anno velho	94
XIX—A tempestade	96
XX—Tronco d'espido	99
XXI—Solidão	101
 LIVRO SEGUNDO	 107
I—A victoria da Praia	ibid
II—O juramento	129
III—No album d'um amigo	133
IV—Não creio n'esse rigor	134
V—Ramo de cypreste	135
VI—Flor singela	137
VII—Ramo secco	139
VIII—Nunca mais	142
IX—A minha rosa	151
X—Suspiro d'alma	153
XI—O imprazado	155
XII—A estrélla	161
XIII—Alcyon no cabo	163

XIV—O pharol e o baixel	172
XV—Sentença d'amor	175
XVI—Grinalda	177
XVII—Ja não sou poeta	180
XVIII—Livro da vida	182
XIX—As minhas azas	184
XX—Kirieleição	187
XXI—Olhos negros	190
XXII—A uma viajante	192
XXIII—Ella	194
XXIV—Nova Heloiza	206
XXV—O Natal de Christo	212
XXVI—O Redemptor	218
 NOTAS	 221
Ao livro primeiro	223
Ao livro segundo	228

10.6



3 2044 048 707 780

returned to
date

un
sci

